

PESQUISAS ESPORÁDICAS DE MUSICOLOGIA NO RIO DE JANEIRO

FRANCISCO CURT LANGE

Em diversos períodos que compreendiam breves estágios no Rio de Janeiro, aproveitei o meu tempo livre para pesquisar pela minha exclusiva conta e responsabilidade em diversos arquivos de Irmandades e no Arquivo Nacional, pròpriamente.

A procura de informação sôbre a atividade musical durante o período colonial em terra de Santa Cruz explica-se fàcilmente tendo em conta os meus trabalhos básicos realizados no Brasil. O maior descobrimento foi e continua sendo o extraordinário movimento na Capitania Geral das Minas Gerais. Se a História da Música no Brasil exigia explicações fundamentais para um *período anterior* ao surto de músicos-compositores e duma legião de cantores e instrumentistas, todos êstes de elevado nível profissional, com maior razão ainda era necessário explicar o mistério da música colonial no Rio de Janeiro, jamais investigada até hoje, mas indispensável para explicar, justificar ou derrubar uma curiosa tese que diz que a música erudita no Brasil começou no início do século XIX.

Os músicos de Minas Gerais não foram fruto de uma improvisação, não respondiam a uma eclosão local e portanto não podiam ter sido, desde o início da organização social daquela vasta região, simples amadores nem músicos de conhecimentos empíricos, transformados ao correr dos anos, pela prática musical, em verdadeiros profissionais.

De onde veio o primeiro aluvião de músicos mineiros? Não são os historiadores cariocas que podem responder a esta pergunta, porque jamais se fêz pesquisa de vulto e de profundidade no Rio de Janeiro, segunda

capital do Brasil de 1763 em diante. Os séculos XVI, XVII e XVIII ainda são páginas vazias, totalmente brancas e desconhecidas, sôbre as quais foram colocados alicerces para uma história média e moderna da música sem antecedentes e com afirmações e conjecturas carentes da menor substância.

Como já tenho sustentado, a mudança estratégica da capital desde o Salvador para o Rio de Janeiro foi consequência direta do descobrimento das Minas Gerais e da necessidade de possuir um melhor acesso, um caminho mais próximo até as naos portuguesas ancoradas numa baía mais segura que a de Todos os Santos. Deve admitir-se que o Rio de Janeiro cresceu rapidamente, graças às valiosíssimas exportações do ouro e dos diamantes, e às necessidades de subministros de sêcos e molhados para a terra de mineração que recebia violentos e contínuos aluviões humanos. Numa terra recentemente descoberta, improdutiva, cuja atração consistia sômente no fascínio da extração aurífera, absolutamente tudo devia ser importado. Basta dizer que até as peles para os tambores empregados em festas profanas e procissões religiosas eram trazidas do Rio de Janeiro.

Comparativamente falando, o Rio representou o papel de La Habana em relação com *Tierra Firme*, no primeiro tempo da conquista e colonização do México, assim como Panamá representou uma função similar uma vez descoberto o Peru.

O Rio de Janeiro, já antes de ser transformado em capital, beneficiou-se pela sua condição de cidade-trânsito no aspecto material e humano. Como acontece sempre às populações pelas quais vão de passagem fortes núcleos imigratórios, muita gente ficou e ajudou involuntariamente a aumentar a população local, seguindo o grosso das ondas humanas portuguesas terra adentro. Se o Rio anterior ao descobrimento das Minas já teve vida musical própria de alguma consideração, se aportaram músicos para as Minas Gerais nos primeiros instantes quando a presença dêstes foi reclamada na novel Capitania, se teve vida musical pobre que sômente mudou no processo de crescimento da capital, e finalmente, se São Paulo teve um papel similar, tais perguntas poderão ser esclarecidas unicamente em forma definitiva através de documentação verídica. Em matéria de História são os Códices e os papéis avulsos os que falam uma verdade incontrovertível. E da mesma forma os papéis de música.

No momento, a tese mais justificada seria a da migração dos primeiros músicos com destino às Minas Gerais provindo desde o Nordeste, sem dúvida uma migração se não inteiramente composta de mulatos, integrada por êstes, pois acredito que o mulatismo em música teve o seu berço no Recife, mais que na Bahia, embora atingisse em Minas Gerais cifras avultadas de causar espanto. Com outras palavras, desejo dizer que a migração dos músicos do Nordeste para o Sul foi realizada por gente nativa.

Sabemos agora que pela decadência da mineração, já antes de 1800, houve um movimento dispersivo de músicos mineiros concentrados nas principais vilas, indo em procura de populações mais recentemente fundadas, onde

a sua presença podia ser necessária, associada ao mesmo tempo a um emprego ou a uma atividade lucrativa qualquer. Foi o começo do processo de degradação musical do profissionalismo para o amadorismo, que observamos na própria capital, Vila Rica, como simples fenômeno material, manifestando-se de 1800 em diante. Os músicos profissionais mais acendrados procuravam continuar as suas atividades em Estados vizinhos, dos quais o do Rio de Janeiro foi procurado em primeiro lugar, seguindo-se, nesta ordem de coisas, São Paulo. O número outrora elevadíssimo de músicos que se desenvolvia, sem frições entre colegas, pelas freqüentíssimas possibilidades de atuação pública, conduziu com a merma do ouro e dos diamantes a um excesso de competência, uma diminuição de recursos e à conseguinte evasão. Este processo não deve ser imaginado como uma espécie de pânico, antes pelo contrário, sendo o mineiro para tôdas as suas decisões homem que medita muito, também ao músico daquela região custou abandonar a sua vila, a comarca, ou o Estado.

O maior compositor da Capitania de Minas Gerais, ou em todo caso, um dos maiores, foi José Joaquim Emerico Lôbo de Mesquita. Já demonstrei documentalente que êle morreu no Rio de Janeiro em fins de março de 1805, depois de ter abandonado o Arraial do Tejuco em 1798 e de ter permanecido mais ou menos um ano e meio em Vila Rica. Não consta o motivo desta transladação, mas devemos explicá-la pela mesma razão aduzida acima.

Os trabalhos em Minas Gerais ocuparam muito tempo de minha atenção apaixonada. Embora esteja muito longe em declarar concluídas as pesquisas neste Estado, se fazia necessário iniciar outras perante a total incôgnita que representava, entre outras, a História da Música no Rio de Janeiro. Estas pesquisas foram feitas por mim em estágios acidentais mais ou menos curtos, como disse no começo dêste trabalho, e respondiam, primeiro, ao interêsse de achar traços de músicos mineiros migrados para a futura Côrte. Também desejava encontrar documentação até hoje não descoberta, sôbre a importante Irmandade de Santa Cecília dos Músicos no Rio de Janeiro, mas afinal de contas, também obedeciam ao meu desejo de levantar, aos poucos, o véu sôbre o passado musical na Terra de Santa Cruz, para sabermos concretamente quais foram as atividades musicais no seu longo período colonial, e quais os aportes que podiam ter brindado à complementação da Capela Real e demais atividades desenvolvidas com a vinda de D. João VI e a sucessiva chegada dos seus cantores e músicos da Côrte lisboeta.

Enfim, também havia — e continua existindo — uma grande necessidade de se conhecer pormenorizadamente o ambiente no qual o Padre José Maurício Nunes Garcia se formou e se desenvolveu. Ninguém, por grande que seja o seu talento, poderá progredir se não há exemplos e incentivos locais suficientes para criar uma base competente, enraizada no saber profissional e, portanto, no domínio da matéria artistica cultivada, dependendo por último também da densidade da população profissional ou dos seus

respectivos grêmios, facilitando a execução pública das obras espontaneamente compostas ou encomendadas, incentivando o autor para novas conceições.

O incêndio, destruindo a Igreja do Rosário e a perda de toda a documentação desta antiga Catedral do Rio de Janeiro, representa mais uma testemunha da inoperosidade no campo da musicologia histórica brasileira. As pesquisas deveriam ter-se efetuado no começo deste século ou logo no início do ano de 1934, quando dirigi no Rio de Janeiro os primeiros apelos para um Americanismo musical e musicológico efetivo. Nos 67 anos que vão deste século, muita música e documentação sobre a atividade musical carioca dos tempos coloniais, das Regências e do Império foram perdidas para sempre.

José Joaquim Emerico Lôbo de Mesquita foi essencialmente organista quando ativo no Arraial do Tejuco, atuando por termo em duas Irmandades poderosas: a do Santíssimo Sacramento e a da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Quando tomou a determinação de se transladar para Vila Rica, em 1798, novamente veio a atuar nestas duas Irmandades, seguramente por recomendação das anteriores. Nesta capital mudou de atividade, dedicando-se à regência, primeiro porque achou organista na Matriz de Nossa Senhora do Pilar na pessoa do Jeronymo de Souza Lôbo, porque não haveria muitos órgãos funcionando corretamente e talvez porque o seu desejo de reger não pôde ser contemplado no Arraial do Tejuco, onde existia um grupo apreciável de regentes que se encarregavam tradicionalmente das funções. Mas por cima de tudo isto, foi organista e talvez organista de primeiro plano. Na longa e pormenorizada procura de traços do José Joaquim Emerico, uma vez descoberto que se ausentou antes de finalizar o século de Vila Rica, cheguei sempre a buscá-lo nesta dedicação preferencial ao rei dos instrumentos.

Anos atrás, resolvendo por súbita decisão fazer um estágio no Rio de Janeiro, quando ia de avião para os Estados Unidos, obcecado com a idéia de achar de todas as formas possíveis vestígios da presença do Lôbo de Mesquita no Rio de Janeiro, como última fase da sua vida profissional, encontrei com muita sorte a documentação desejada na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Subseqüentemente, foi desejo meu achar também traços na segunda Irmandade preferencial de José Joaquim Emerico, a do Santíssimo Sacramento. No Rio de Janeiro houve no mínimo três Irmandades congêneres deste orago. Duas delas tiveram a sua origem na antiga Igreja Matriz de São Sebastião no Morro do Castelo, passando uma para a Igreja do Rosário, primeira Catedral e com a vinda de D. João VI, à Catedral ou Sé definitiva. Outra instalou-se em forma definitiva na Igreja do Santíssimo Sacramento na Avenida Passos, cuja construção foi concluída em 1859 e a terceira e mais poderosa foi erecta na Igreja de Nossa Senhora da Candelária, quase nos começos da atividade paroquial deste templo, demolido há anos para dar lugar ao levantamento do bellissimo monumento que se destaca majestosamente no começo da Avenida Getúlio Vargas.

Pretendo inserir aqui os resultados das minhas pesquisas realizadas na Candelária, onde foi possível achar vestígios da atividade musical desenvolvida, e na Igreja do Santíssimo Sacramento, tendo sido nesta última a colheita paupérrima pela perda quase total dos livros antigos. Nunca intentei iniciar outras pesquisas correspondentes aos papéis da Irmandade sediada na Catedral, pois exigia uma tarefa exaustiva, e, como aconselha a experiência, ininterrupta, que somente poderia ter levado a efeito morando por longo tempo no Rio. Em trabalhos destes não convém outra coisa que a dedicação continuada para não perder o fio da recopilação e da interpretação integral. Os arquivos organizados são inexistentes no Brasil, salvo raras exceções, e a procura da documentação desejada exige uma preciosa perda de tempo. Ao mesmo tempo, se acham desfalcados, sendo triste a impressão que causa a desídia dos homens e a sua irresponsabilidade histórica.

I. A IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA IGREJA DA CANDELARIA

Uma das impressões mais fortes e desgarradoras foi a que recebi no Arquivo de uma das mais ricas Irmandades do Brasil, sediada no portentoso monumento circundado pelo altos edifícios no princípio da Avenida Getúlio Vargas e defronte à de Barão do Rio Branco. Achamo-nos separados apenas pelo lapso de trinta e sete anos quando F. B. Marques Pinheiro escreveu a *História da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária e suas Repartições, Côro, Caridade, e Hospital de Lázarus* (Rio de Janeiro, 1930). Produz a maior tristeza constatar que a multidão de livros e papéis avulsos que o Historiador da Ordem achou e utilizou para a sua monografia, não mais se encontram ali e que êste curto período bastou para fazer desaparecer pela traça, o cupim, a umidade e o pó acumulado um caudal precioso e insubstituível de documentações. A visita ao Arquivo, que me foi facilitada generosamente pelo Comendador Senhor Fructuoso Pereira Ramos, Procurador da Irmandade, deu a impressão do maior abandono, confusão e desordem. Num vasto espaço destinado à guarda de documentação, achei uns poucos códices correspondentes à segunda metade do século XVIII, com papéis e livros recentes, coberto tudo pela espessa e negra poeira que veio a se depositar, no correr do tempo, passando por uma janela aberta que deixava entrar fumaça do enorme tráfego ao pé do monumento religioso. Aparentemente, o cronista Marques Pinheiro, uma vez acabada a sua pesquisa não recomendou suficientemente a proteção da valiosa documentação sobre a História da Irmandade em lugar seguro e limpo, ou, no caso de o ter feito, tal previsão não teria sido obedecida. A localização dos documentos ainda existentes foi portanto um mergulho na sujeira dum arquivo abandonado e não a cômoda e limpa revisão de códices bem conservados.

Vamos primeiro historiar o surgir de tão importante Irmandade, servindo-nos da obra referida e de outras publicações dedicadas à história eclesiástica no Rio de Janeiro colonial e da Regência e Primeiro Império (Monsenhor Pizarro e outros). Como afirma Marques Pinheiro, não existem subsídios para se conhecer a data exata da instituição da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora da Candelária. Consta que no saqueio da cidade, invadida por Duguay Trouyn, a Igreja de Nossa Senhora da Candelária sofreu grande dano, conhecida que foi pela riqueza da sua ornamentação. Supõe êle ser possível que a Irmandade tenha existido desde a criação da freguesia da Candelária em 1634.

A primitiva igreja foi fundada pelo Capitão Antônio Martins de Palma e sua mulher, Leonor Gonçalves, sob a invocação de Nossa Senhora da Candelária, em cumprimento do voto que fizeram, regressando das Índias para a sua terra natal, a Ilha da Palma, quando, acossados por terrível temporal, se julgaram perdidos, encontrando finalmente como pôrto de abrigo a protetora Baía de Guanabara e a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Os nomes do casal foram modificados para o português, pois a sua ilha nativa era espanhola e pertence ao arquipélago das Baleares (Palma de Mallorca). No ambulatório que conduz da ampla escada de acesso do plano térreo ao primeiro andar e dali ao magnífico salão do Consistório, pode ver-se os seis quadros, da autoria de João Zeferino da Costa, alusivos aos fundadores da igreja e à história da mesma desde a sua ereção em pequena igreja até à inauguração da atual.

A primeira freguesia no Rio de Janeiro foi a de São Sebastião. A igreja dêste nome foi erecta no Morro de Castelo que não mais existe. A segunda veio a ser a da Candelária levantada, segundo se acredita, no tempo da prelazia do Reverendo Lourenço de Mendonça. A igreja edificada pelo Capitão Palma e sua mulher chamou-se a *Igreja da Várzea*, tendo sido a terceira do Rio de Janeiro com a invocação da Virgem. Foi reedificada em 1720 e dêste acontecimento, Frei Agostinho de Santa Maria, no seu "Santuário Mariano", nos diz o seguinte:

"...esta egreja hoje reedificada com muita grandeza e asseio, tem muitas capellas e todas com ornatos de ricos retabulos dourados..."

A paróquia de Nossa Senhora da Candelária foi muito importante pela sua extensão, população densa e riqueza de muitos cidadãos. Para se avaliar bem a sua importância basta lembrar que a paróquia de São José, criada por Ordem Régia de 9 de novembro de 1749 e a de Santa Rita de Cássia, criada por Ordem Régia de 30 de janeiro de 1751 e outras mais foram desmembradas do seu território. Se neste sentido perdeu muitíssimo, não deixou nunca de ser, segundo sustentam os historiadores eclesiásticos, a mais rica da República, pela sua ubiquação no centro dos comerciantes "de grosso trato e avultadas transações".

A Matriz da Candelária tinha como igrejas filiais a da Cruz, Conceição do Hospício, na rua do Rosário, hoje Ordem da Conceição da Boa Morte, Lapa dos Mercadores e Mãe dos Homens. Com o correr do tempo, nos diz o cronista da Ordem já mencionado, tôdas se foram libertando desta jurisdição. A de São Pedro sempre estêve isenta de jurisdição paroquial. Além destas Irmandades, outras foram erectas na própria Igreja da Candelária, sendo a primeira instituída a do Santíssimo Sacramento. O seu Compromisso perdeu-se, mas a data da erecção se acha em relação directa com a fundação da primeira igreja. Em 1757, a Mesa Administrativa da Irmandade dirigiu-se a D. Frei Antônio do Destêrro, pedindo a confirmação do compromisso. Nessa petição consta ter-se erecto a Irmandade em 1699. Êste illustre Prelado, oriundo de Vianna de Lima, onde nasceu em 1694, eleito primeiro Bispo de Loanda em 26 de julho de 1738, passou no ano 1745 para a cadeira episcopal do Rio de Janeiro, onde deixou imperecedora memória das suas virtudes. Governador da Capitania pela morte de Gomes Freire de Andrada, prestou, tanto neste cargo como na elevada posição de Prelado, serviços muito qualificados. Para os leitores familiarizados com a história eclesiástica do Rio de Janeiro é conhecido o seu sepulcro no Mosteiro de São Bento. Faleceu no Rio em 5 de dezembro de 1773.

Das outras Irmandades que acharam sede e abrigo na Igreja da Candelária citamos por ordem cronológica *São Miguel e Almas*, fundada em 1733 sob os auspícios do Rev. Vigário Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas. O compromisso foi aprovado em 31 de outubro de 1735 por Frei Antônio de Guadalupe, famoso Bispo, porque lhe coube, quando ainda se achavam ligadas as Minas Gerais à Capitania do Rio de Janeiro, fazer duas visitas pastorais. Aceito o Compromisso em 21 de janeiro de 1737, foi jurado em 24 de novembro de 1762, confirmado por D. José I em 12 de setembro de 1768 e registrado em 16 de novembro de 1802 no Livro V, fls. 51 de Provisões na Provedoria.

A *Irmandade de Nossa Senhora das Dores* foi instalada em 1780 pelo Vigário Joaquim José da França, teve o seu compromisso aprovado em 27 de março dêste ano e confirmado por D. Maria I em 14 de outubro de 1781. Esta Irmandade gozava de grandes privilégios, o que é fácil comprovar cotejando a demora da confirmação da anterior e a celeridade no mesmo procedimento com respeito a esta última.

Sai completamente fora do marco das nossas preocupações a fundação de mais duas Irmandades, correspondentes à segunda metade do século XIX. Mencioná-la-emos apenas por razões cronológicas: a de *São Manoel*, erecta em 1862 e a de *São Crispim e São Crispiniano*, em 1866. Esta última passou em 1888 para a Igreja de São Joaquim.

* * *

Como já foi dito mais acima, o primeiro Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento datou de 1699. Discutido e aprovado um nôvo

Compromisso, segundo resolução da Mesa, em 10 de junho de 1757, foi dirigido em apresentação a Frei Antônio do Destêrro em 17 de junho do mesmo ano e confirmado pela Provisão de 29 de novembro de 1766. Convém constar ainda que D. José I revalidou a licença para o Compromisso antigo da Irmandade, pois achava-se nulo por ter carecido da faculdade régia. Nas conquistas ultramarinas El-Rei, como Governador e perpétuo Administrador do Mestrado e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, era o único competente para conceder licença para erigir Irmandades e Confrarias, e aproveitando êste comentário, vamos ainda adir às nomeações dos Mestres de Capela que também pertenciam à jurisdição da Ordem de Cristo e não ao Prelado.

Convém mencionar de passagem que o ilustre Frei Antônio do Destêrro foi o responsável de incumbir à Irmandade do Santíssimo Sacramento o amparo do Hospital dos Lázaros, logo que êle lançou os alicerces para esta casa de saúde.

* * *

A Igreja levantada pelo Capitão Palma e sua mulher, de dimensões pequenas, concebida mais como ermida, foi reedificada em 1720, mas voltou a ameaçar ruir em 1768. Pelo perigo de desabamento os fiéis se abstiveram de freqüentar esta Casa de Deus e de assistir aos officios divinos ali celebrados. Um outro Prelado ilustre veio dar impulso a uma grandiosa exaltação da Ordem: Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, nomeado para a Catedral do Rio de Janeiro, embarcou em Lisboa a 21 de fevereiro de 1774 na fragata "Nossa Senhora da Guia", chegando à capital a 16 de abril e efetuando a sua entrada solene na Catedral em 29 de maio dêste ano. Foi êste grande varão Provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento nos períodos de 1774-75 e 1775-76. Em reunião da Mesa a 3 de junho de 1775, apresentou a proposta de construção de "nova, mais bella e maior igreja" de Nossa Senhora da Candelária, designando-se o dia 6 de junho de 1775 para sagrar a primeira pedra do novo templo, dia escolhido por ser aniversário de D. José I. (1) Em longas e penosas jornadas veio a concluir-se êste projeto ambicioso na forma por nós conhecida e admirada. Officiou na sagração o seu autor, contando com a assistência do Vice-Rei Marquês do Lavradio, Dom Luis de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello Silva e Marcarenhas, dos corpos eclesiásticos, civil e militar, tendo sido ato soleníssimo, revestido da maior pompa possível.

(1) Termo de Resolução que se toma em Mesa de se dar principal a nova obra da Igreja e de que esta Irmandade he a administradora (Livro de Termos No. III, fls. 1), e Termo de Sagração da primeira pedra e Padrão da mesma (id., fls. 2 verso). [Apud F. B. Marques Pinheiro, op. cit.].

Não nos compete seguir o processo da construção da Igreja no lugar onde hoje se erige mas, achando-se envolvidas nas diversas etapas atividades musicais, vamos citar os diversos períodos para apreciar o leitor a considerável demora para chegar-se à conclusão total do templo, explicada pelas seguintes etapas:

1.^o *Período*: Iniciação, em 1775, até a inauguração da Igreja em 1811. Esta primeira fase não podia ser acompanhada totalmente pelo seu idealizador, porque o ilustre Prelado veio a falecer em 28 de janeiro de 1805 no Rio de Janeiro. A sua jazida se acha na Igreja da Conceição.

2.^o *Período*: Desde o ano de 1811 até o de 1860, em que se tratou da construção do zimbório.

3.^o *Período*: Fase conclusiva de 1860 até os nossos dias.

Por resolução da Mesa em 30 de maio de 1811, o templo deveria ser inaugurado em 14 de setembro deste ano. Passou-se officio às Irmandades erectas na Igreja para aprontar as imagens dos seus oragos, a fim de se fazer a luzida procissão com todo o brilhantismo "para a transladação do Santíssimo Sacramento e a festa nesse dia". A 8 de setembro celebrou-se a cerimônia da bênção da Igreja com grande concurso de povo e autoridades, cantando-se a primeira Missa no Altar-Mór. A transladação do Santíssimo Sacramento e das imagens postergou-se para o dia 18. Estas correspondiam a de Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora das Dores, Sant'Anna, São José e São Joaquim, São João Batista, São Miguel, São Manoel e São Crispim e São Crispiniano. Segundo reza na *Crônica*, a procissão saiu da "casa velha que representava a Freguezia". Participavam "as Irmandades do Santíssimo Sacramento das Freguesias da Sé e de São José, a Irmandade de São Domingos com o seu andor, as Irmandades de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de Nossa Senhora da Lapa, de Nossa Senhora da Boa Morte, sendo esta extensa procissão acompanhada pelo Regimento de Milícia que tem o titulo de Candelária, e suas duas bandeiras com o maior luzimento..." (2).

A primeira festividade do Santíssimo Sacramento se realizou no dia 19 do mesmo mês, sendo a Missa de Pontifical celebrada pelo Bispo de Moçambique, assistindo o Príncipe Regente D. João, o Príncipe da Beira D. Pedro de Alcântara, o Infante Dom Miguel, a Princesa D. Maria Teresa e D. Pedro Carlos, Infante de Espanha.

Seguiu-se um Oitavário de devoções pela seguinte ordem:

Festa do Tríduo, nos dias 20 e 21; Festividade da Padroeira Nossa Senhora da Candelária, em 22; a do Anjo São Miguel em 23, a dos Santos Mártires em 24, a de Sant'Ana em 25 pelos moedeiros da Casa Real da

(2) Termo da Bênção que se fez da nova Igreja e da primeira Missa que no novo Templo se celebrou (Livro de Termos N.º III, fls. 88, 8 de setembro de 1811), e Termo da Transladação do Santíssimo Sacramento para a sua nova Igreja com as mais imagens que nella se veneram (id., fls. 88 verso e 89, 27 de setembro de 1811). [Apud F. B. Marques Pinheiro, op. cit.].

Moeda, e a de Nossa Senhora das Dores, em 26, cantando-se neste dia solene "Te Deum".

Houve iluminação geral na Freguesia, na véspera e no dia da festa de Nossa Senhora da Candelária. Esta festividade custou à Irmandade a quantia de 1:693\$901. Embora estejamos praticando uma alteração da ordem cronológico na enumeração das atividades musicais da Irmandade, vamos inserir as que o próprio historiador Marques Pinheiro, muito parco neste aspecto, inseriu no seu livro com grande surpresa pelo vulto extraordinário das despesas feitas nesta ocasião (3):

Música de 3 dias	387\$200	
Aos Capellães da Capella Real	32\$000	
Aos ditos do Côro que assistiram às Matinas	35\$040	
Ao Reverendo Vigário de cantar 3 Missas	20\$160	
Ao Mestre de Música dos Henriques	39\$200	
Ao Mestre de Música do Regimento da Candelária, para repartir pelos Músicos	64\$000	577\$660

Para simples satisfação da curiosidade de alguns leitores inserimos as datas da conclusão definitiva da Igreja de Nossa Senhora da Candelária, já próxima às postrimerias do segundo Império:

- 1873 — 12 de outubro — Ampliação da Igreja aberta e habilitação de dois altares que se achavam tapados.
 1877 — 15 de dezembro — Conclusão da Cúpula externa.
 1878 — 27 de janeiro — Lanternin.
 18 de fevereiro — Coruchêo.
 24 de março — Esfera e a Cruz, inaugurados com solene "Te Deum" e assistência da Família Imperial.

* * *

A nossa pesquisa nos arquivos da Irmandade do Santíssimo Sacramento viu-se limitada pela impossibilidade de achar os Códices referidos pelo ilustre historiador senhor Marques Pinheiro na sua Crônica da Irmandade e do seu templo. Eis aqui a nossa pobre colheita:

1. *Côro Pequeno* — Livro 1.º de Receita e Despesa (1734-1765).
2. *Côro Grande e Pequeno* — Livro de Receita e Despesa (1779-1845).
3. *Irmandade* — Livro 4.º de Receita e Despesa (1770-1792).
4. *Irmandade* — Livro 5.º de Receita e Despesa (1792-1834).

Dêstes quatro Livros, o do Côro Pequeno foi descoberto acidentalmente numa caixa, contendo papéis intrascendentes de data recente, vítimas da traça. Na relação dada pelo mencionado cronista não aparece este documento, o que faz supor que êle nunca o viu. Isto nos daria uma certa esperança para crer que todos os livros por êle examinados teriam sido guardados num armário especial, mas a revisão empreendida foi levada a

(3) Livro de Receita e Despesa (do Anno de 1810 para 1811), fls. 232. Por uma lamentável omissão não é mencionado o regente encarregado da música para tão fausto acontecimento.

feito com tôda tenacidade e não deixou lugar sem exaustiva revisão. Creio que devemos fazer frente a um realismo inevitável para julgarmos a situação. Para dar um exemplo da situação de abandono encontrada, devo dizer que vi encostados contra uma parede e debaixo duma via de água, vários livros antigos dos quais sômente podia ver-se o lombo desfigurado pela umidade. Quando pedi uma escada para os examinar, a simples remoção fêz que se transformassem em pó nas minhas mãos. Devemos, portanto, estar cientes que a preciosa documentação da Irmandade pereceu nos escassos 37 anos que nos separam da época em que Marques Pinheiro elaborou a sua obra.

**RELAÇÃO DOS CÓDICOS E PAPEIS AVULSOS EXAMINADOS E
ENUMERADOS PELO HISTORIADOR F. B. MARQUES PINHEIRO
ATÉ A DATA DA PUBLICAÇÃO DO SEU LIVRO EM 1930**

Irmandade

Livros de Tombo — Volumes I, II.

Livros de Atas — Volumes I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX (o historiador discriminou entre Livros do Capítulo e Atas da Mesa).

Livros de Registro — Volumes I, II.

Livros de Têrmos — Livro II (principia em 30 de novembro de 1744); Livro III (principia em 1775). Nota: falta o Livro I.

Livros de Inventários — Volumes I, II, (1757-1840).

Livros de Receita e Despesa — Volumes I, II, III, IV, V, VI (o volume II foi iniciado em 1732).

Côro

Livro de Tombo — Volume I (iniciado em 1721, aproximadamente).

Livro de Têrmos — Volume I (iniciado também em 1721).

Livro de Receita e Despesa — (não cita o volume).

**Estatutos do Côro
Regimento do Côro**

Eis aqui a avultada documentação que teve o privilégio e a sorte de achar o historiador várias vêzes referido.

A ausência da documentação essencial nos privou de realizar uma pesquisa que poderia ter trazido muita luz sôbre o escuro passado musical de uma das Igrejas mais importantes do Rio de Janeiro. Nos *Livros de Têrmos*, dos quais já faltou em 1930 o primeiro, poderiam ter-se encontrado os convênios ou contratos com os regentes chamados pela Mesa para se incumbirem da música para as festas maiores e menores, os contratos dos organistas, a aquisição dos órgãos e as reparações maiores dêstes instrumentos, quando se tratava de concertos que exigiam avultadas despesas. E ainda mais informações. Foi nestes Têrmos que se deixava constar

os nomes e sobrenomes de músicos, organistas e organeiros, o que não era obrigatório nos *Livros de Despesa*, onde se assentava somente a quantia gasta. Quando um escrivão inseria nomes de músicos o fazia somente por expansividade na sua obrigação de fixar os algarismos das despesas e portanto, estes Livros não representam uma garantia, quando achados, de revelar pelos nomes a relação dos que estiveram involucrados nos serviços de música. E nos *Livros de Inventários* se achariam claramente enumerados os instrumentos de propriedade da Confraria ou Irmandade, os que seriam ao correr dos anos vários órgãos entre grandes e pequenos. Devem ter desaparecido, naturalmente, todos os recibos daqueles longíquos tempos, às vészes em forma de livros, em geral apenas como papéis avulsos, assinados pelas quantias entregues pelos serviços de música fornecidos por músicos profissionais, religiosos ou leigos, portugueses e brasileiros.

Não contando com tão preciosa informação e resignados que no Brasil, em matéria de pesquisas históricas sempre se tem que entoar a corda pessimista em tom menor, vamos então comentar a nossa magra colheita de acôrdo com as referências recolhidas nos quatro livros acima indicados.

OS LIVROS DO CORO PEQUENO E DO CORO GRANDE (COM O PEQUENO)

O Còro da Igreja de Nossa Senhora da Candelária foi o terceiro que se fundou no Rio de Janeiro. Correspondeu o primeiro à Igreja Catedral criado em 1685 e o segundo na Igreja da Misericórdia, onde foi estabelecido em 1704. Depois do Còro da Candelária, o quarto veio a ser inaugurado na Igreja de São Pedro, em 1764.

O Còro da Igreja de Nossa Senhora da Candelária foi instituído pelo Capitão Manoel Pinto Duarte e sua mulher Antônia de Abreu com uma doação de quarenta mil cruzados, por escritura pública dada em 2 de outubro de 1720, doação reiterada, ao que parece, pela viúva do referido Capitão em 7 de fevereiro de 1721, seguramente porque sobreveio o falecimento do marido. A Provisão concedendo licença para se estabelecer o Còro na Candelária veio muito mais tarde, em 6 de maio de 1761 (4). Do que tenho visto nos papéis achados, o Còro grande teve por Patrimônio dez moradas de considerável valor. Mais adiante veio a fundar-se um *Còro pequeno*, também por doação, correspondendo o legado a Simão Francisco de Carvalho e a sua mulher D. Maria Gomes, consistente em vinte pequenos prédios e 2000 cruzados. Eram estas instituições muito ricas que emprestavam dinheiro, com os correspondentes juros, a pessoas e instituições. A Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, por exemplo, devia em 1780 ao *Còro grande* a quantia de 800\$000.

(4) Escritura de doação que faz Antonia de Abreu, viúva de Manuel Pinto Duarte, à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguezia de Nossa Senhora da Candelaria (Livro I do Tombo, 7 de fevereiro de 1721, fls. 16); Provisão solicitando licença para se estabelecer o Coro da Candelaria (idem, 1.º de junho de 1721), outorgada em 6 de maio de 1761. ([Apud F. B. Marques Pinheiro, op. cit.].)

Na escritura pública instituindo o *Côro grande* reza:

"...para na dita igreja [se instituir] um *Coro* para se louvar a Deus todos os dias de manhã e de tarde, na forma que os mais *Coros*; para o que nomeam e instituem a Irmandade [do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora da Candelária] para administradora do dito *Coro* e poderão eleger os Sacerdotes que lhes parecer e fizerem-lhe as congruas que lhe parecer convenientes à doação..." (apud F. B. Marques Pinheiro, op. cit.).

Devemos explicar aqui que o decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 10 de dezembro de 1703, sobre os direitos paroquiais, funções e prerrogativas dos párocos, determinou no seu número 30 que podem as Confrarias "à sua vontade e conforme os estatutos particulares de cada uma dellas", fazer as suas congregações, sem intervenção ou licença do pároco, contanto que não embarquem as funções e officios divinos, como bem explica *Monte*, no Direito Eclesiástico, volume II, página 425, onde vem transcrito o Decreto *Urbis et Orbis*.

A licença para funcionar o *Côro* foi dada em 16 de fevereiro de 1721, por D. Frei Francisco de São Jerônimo, quem regeu a sua Diocese desde 11 de junho de 1701 até 7 de março de 1721, dia do seu falecimento. Devido a êste inesperado successo, a provisão foi passada pelo Cabido, *sede vacante*, em 6 de maio, e os estatutos aprovados pelo mesmo Cabido com a Provisão de 28 de maio daquele ano.

O *Côro* foi inaugurado em 1.º de junho de 1721, dia escolhido por ser domingo de Espírito-Santo. Com a nomeação prévia das dignidades, capelães, sacristão, organista, e meninos do *Côro* pela Mesa da Irmandade, nesse mesmo dia seguiu-se a festividade da Páscoa do Espírito-Santo com grande pompa.

A Mesa criou nove cadeiras para o *Côro*. Eis aqui a relação dos primeiros nomeados:

Chantre Manoel Vieira Neves, Vigário da Freguesia da Candelária.	
Custodio Cardoso Cortes, Vigário do <i>Côro</i> .	
Padre Salvador Ferreira Mendes, Prioste.	
Padre Amaro Rodrigues Costa	} Capelães-Cantores
Padre Custodio da Fonseca Homem	
Padre Manoel Mendes.	
Padre Mathias Cardoso Couto	
Padre Manoel Coelho de Carvalho	
Padre Pascual da Silva	
José da Silva Nunes	} Meninos do <i>Côro</i>
Francisco Corrêa Leal	
Francisco Soares Guedes	
Francisco Soares de Almeida	
Padre Pedro de Freitas	Sacristão
Francisco Homem Bernardo	Organista

Os Capelães-Cantores recebiam 50\$000 de gratificação (congrua) e os Meninos do *Côro* venciam 18\$000 (16\$000 de ordenado e 2\$000 para ajuda do sobrepeliz). O organista tinha um ordenado de 30\$000.

Entre as condições para admissão dos Capelães, *exigiu-se fossem músicos*, senão todos ao menos três, e os outros deviam saber bem cantochoão e ter boas vozes. O meio que a Irmandade empregava para ter bons cantores era mandá-los examinar em música e o que mais é, também na reza, segundo nos transcreve Marques Pinheiro que teve ainda a sorte de ler os Estatutos e o Regimento do Côro. Esta exigência de saber música compreendia principalmente os meninos do Côro, para ajudarem a cantar e assim se compor o "Coro de agradável consonancia de vozes". Eram estes meninos examinados em solfa e latim e deviam ser limpos de sangue para se habilitarem para as ordens sacras, porque era permitido pelos estatutos, freqüentarem os estudos, por ser feito o serviço do Côro às semanas.

Houve tempo, em que serviam os alunos do Colégio São Joaquim, por não haver meninos capazes que pretendessem o lugar. Este Colégio era de meninos órfãos. A Irmandade criou uma aula de latim para os meninos do Côro, nomeando para professor um capelão. O primeiro em ser nomeado foi o Vigário do Côro Padre Antônio de Andrade e quando pediu demissão, a escolha recaiu no Padre Bento de Souza Ribeiro, que também obteve capelania. A aula se dava duas vèzes por dia e a Mesa recomendava muito cuidado em que os meninos não faltassem a tomar a sua lição, o que significava muito para aquêles tempos e para quem viu a férula presidindo neste século a aula de latim. O professor devia prometer "ensinar os moços do Côro, dando-lhes lição de manhã e de tarde, com amor e caridade..."

Esta medida tinha caído em desuso pela ocupação dos meninos no serviço do Côro, mas notando-se que êles estropeavam o latim, faltando à pronúncia, a Mesa de 1753 restaurou a aula, e nomeou o professor que a exemplo da primeira criação, foi dada a um capelão. Depois de várias doações, o Côro se compunha de quinze capelães; porém, êste número foi modificado no Regimento do Côro para treze cadeiras, mas os estatutos, promulgados posteriormente, reduziram o número a onze, suprimindo as cadeiras inicialmente criadas pela Irmandade. Determinavam os estatutos que todos os dias houvesse uma missa à hora do Côro e as Mesas Administrativas e conjuntas deliberaram e resolveram que fôsse aplicada por alma dos instituidores. Esta missa foi chamada *de tertia*.

Houve um grave conflito com o Presidente, o Vigário e os Capelães do Côro, o que motivou a suspensão da Semana Santa nos anos 1760-62. Ganha a causa pela Irmandade, segundo o Acordão da Relação Metropolitana da Bahia, com data de 1.º de julho de 1766, o Côro voltou a se desempenhar normalmente. As despesas, segundo tenho visto, não chegavam, com respeito à Semana Santa além de 200\$000, o que representa uma quantia aproximada ou ainda maior do que se gastava em Minas Gerais no tempo do apogeu da mineração. Um exame da Receita do Côro deu, para 1794, a quantia de 3:199\$884.

Fazendo uma análise do conteúdo dos dois Livros de Côro achados e de acôrdo com a cronologia devemos mencionar primeiro o Livro de Receita e Despesa do *Côro Pequeno*, o mais antigo dos dois. Isto conduz inevitavelmente à primeira confusão. Inaugurado anos depois do primeiro Côro ou *Côro Grande*, o Livro do *Côro Pequeno*, onde se acham assentados os manejos materiais da instituição, sòmente traz referências à atividade musical do período correspondente a 1755-1756, e daí em diante. No Livro N.º 4 de Receita e Despesa da Irmandade encontramos no período correspondente a 1777-1778 uma curiosa anotação que diz:

“Em 1755 que principiou o Coro Cantado o coro estava obrigado a uma contribuição em cera. E porque então findou o Coro Cantado (em 1763), desde aquelle tempo athe agora não consta...”

Não sabemos se o Côro, como deveríamos interpretar, pertencia à Irmandade e era empregado nas festividades maiores (Natal, Corpo de Deus, Semana Santa e Dia da Santíssima Senhora da Candelária) ou se o Livro faz referência à atividade do Côro Grande ou Côro pequeno. Será simples coincidência de se iniciar as atividades musicais do *Côro Pequeno* em 1755-1756?

O Livro dèste *Côro Pequeno*, muito afetado pela traça e com falta de algumas fôlhas iniciais, não traz em anos anteriores a 1755-1756 referências sôbre o tema que é da nossa incumbência. Os assentos do Livro se estendem até o período de 1764-65, não tem continuação porque não a temos achado e também, porque êste *Côro Pequeno* foi involucrado nas despesas do *Côro Grande* num outro livro de Receita e Despesa iniciado em 1779. O ilustre historiador Marques Pinheiro cita um Livro de Receita e Despesa do Côro sem especificar se êle teve nas mãos o primeiro ou o segundo dos livros por nós achados e examinados, pois reiteramos que deve ter desconhecido o *Livro do Côro Pequeno* por suas próprias características. Do *Côro Grande* devem ter existido fâcilmente mais dois Livros de Receita e Despesa anteriores ao de 1779, se temos presente que foi fundado em 1721 e que geralmente um volume desta natureza se enche num período de trinta anos, aproximadamente. Quando cessou o *Livro do Côro Pequeno* em 1765, se estende um lapso sem informação sôbre êste Côro, o que significa que a Receita e Despesa dêle foi incorporada sem dúvida ao *Livro 2.º do Côro Grande*, anterior ao que temos visto e cujas últimas páginas deviam conter as receitas e despesas do período 1777-1778. Parece que houve uma contabilidade conjunta dos dois côros, uma separação mencionada em fôlhas 51 verso e 52 do *Livro do Côro Pequeno*, e novamente uma junção.

No *Livro do Côro Pequeno* se assentaram as despesas por quartel. No comêço, êste Côro teve três Capelães mas, em 1755-1756, nomeou-se mais um, fazendo-se referência ao dispositivo inicial dos três, quando o seu estabelecimento no ano de 1734 para o de 1735. Cada um dos Capelães-Cantores vencia 80\$000 anuais e os quatro, portanto, 320\$000, os Meninos

do Côro 6\$000 anuais cada um, o que fazia para os quatro 24\$000, e o organista esta mesma quantia. O ordenado dêle teve uma diminuição no período de 1756-1757 em diante, sendo apenas de 20\$000 anuais. Veio logo o conflito entre a Irmandade e o Côro, não trazendo o Livro despesa alguma para 1760-1761 e apenas uma parcial para 1761-1762, mas nesta época houve, ao que parece, pagamento incluindo os atrasos ocasionados pelo conflito. No período 1763-1764 menciona-se por primeira vez o organista, Ignacio Corrêa, do qual sabemos que veio a falecer, pois se disse que "é defunto". É presumível tenha servido desde 1755-1756 até à sua morte.

Fora dos aspectos sem transcendência, como a presença do Mestre de Latim e os abatimentos pelas faltas de alguns meninos, o Livro não revela nada importante, a não ser a real presença dum Côro composto por quatro Capelães e secundado por quatro Meninos, além do organista permanente.

O Livro seguinte, de Receita e Despesa do *Côro Grande e Pequeno*, é mais explícito, pois revela em fôlhas 2 os nomes dos Capelães-Cantores, o pagamento aumentado dos Meninos do Côro a 64\$000 anuais e o do organista a 30\$000, o nome dêste, Pantaleão Pereira, o consêrto do órgão e a afinação do órgão pequeno. Vemos com isto que a Irmandade teve naquela época dois órgãos ao seu dispor. No ano seguinte conhecemos o nome do Padre José Rodrigues Matalha como consertador do instrumento, e sabemos da aquisição dos novos livros corais de acôrdo com a "Reforma do Côro", sendo êstes do elevado custo de 128\$000. Menciona-se também a aquisição dum *Livro de Recibos do Côro*, documento sem dúvida precioso, pela assinatura de todos os que atuavam, de uma forma ou de outra, nos serviços de música. Acha-se êste volume na nômina da documentação perdida.

Como lembramos na Introdução para êste estudo, a construção do nôvo templo foi iniciada em 1775. Vê-se através dos assentos para o período de 1780-1781, que o órgão foi consertado em consequência da sua mudança para a "Igreja nova", que se mandou fazer um armário para os Livros do Côro e que houve sempre uma grande preocupação pelos sobrepelizes dos Meninos do Côro, dos quais virtualmente todos os anos se comprava ou mandava fazer um jôgo nôvo. Vamos mencionar também umas despesas para um prêto adstrito ao Côro, do qual podemos estar seguros que não interveio nas atividades musicais, pelos regulamentos racistas estabelecidos nos estatutos. Foi um simples servente. Alternativamente, o Côro tinha ao seu serviço um ou dois escravos. Encontram-se freqüentemente pagamentos por remédios, cirurgião, médico, comidas e descontos do ordenado quando se achavam prêsos. Um dêles fugiu em certa ocasião e quando foi trazido de volta, foi-lhe dado nôvo fardamento.

No período de 1800-1801 se fala da cópia de Antifonas e da compra dum Livro de Hinos, sinal de preocupação pelo repertório coral, como o foi a aquisição dos Livros correspondentes à Reforma, já citada. Em 1785 é mencionado um *Thomé José da Silva*, sem se especificar o pagamento que recebeu. A sua profissão de consertador e afinador de órgãos se es-

clarece definitivamente no período de 1795-96. Serviu à Irmandade até 1811, ou até além da data, mas impossível de se verificar porque há um lapso prolongado, — de 1812 até 1827, — em que se praticaram somente assentos globais, sem o menor detalhe sobre as despesas pelos serviços de música e os que correspondiam ao órgão. No ano 1827 consertou o instrumento *Cesário José da Silva*, irmão ou filho do primeiro, ao que parece. Também aparece um novo organista na pobríssima nômima destes profissionais, o *Padre Antônio Mariano Felizardo*, substituindo o Pantaleão Pereira de quem, pelos mesmos assentos globais, mais nada soubemos.

Por resolução da Mesa houve em 1828-29 um aumento nos ordenados do organista e dos Meninos do Côro. Não se trata de uma maior gratificação dos serviços que estes emprestavam; naquela longínqua época já houve, como se pode verificar ao correr dos livros, uma inflação ou devaluação progressiva da moeda e um crescimento no custo de vida. No mesmo período que acabamos de mencionar, observa-se uma constância na cooperação que brindavam os sacerdotes da Capela Imperial, vindo para ajudar nas Vésperas e Matinas da festa para a Santíssima da Casa, o que deve ter-se repetido mais de uma vez.

Em 1836-1837, talvez pelo consêrto do órgão, alugou-se um piano à Casa Müller e Haus; em 1840-1841 comprou-se um jôgo do difundido e já muito antigo "Theatro Ecclesiastico", que teve muitas tiragens desde a sua aparição em fins do século XVIII, e em 1841-1842 compraram-se mais dois jogos, desta vez à conhecida Casa E. & H. Laemmert, a do famoso Almanaque do Rio de Janeiro, de aparição anual.

Conclui a informação com o pagamento do ensino de cantochão pelo *Padre José Pedro de Lima* e com novo consêrto do órgão pelo *Cesário José da Silva*. Pode-se ver com tóda evidência que nenhum dos dois Côros empregou nas suas funções acompanhamento instrumental. A obrigação deles baseava-se na velha tradição do Cantochão a capela e com acompanhamento de órgão. O *Livro do Côro Grande e do Côro Pequeno* ultrapassa em 11 anos o 6.º Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento, um detalhe intranscendente para a nossa pesquisa orientada para um período bem anterior a este.

Convém finalizar este capítulo destacando o nosso interêsse pela fundição dos sinos. Também nestes livros o leitor vai achar referências sobre tais instrumentos *musicais*, com o simbolismo dos seus toques, ora chamando para a assistência aos serviços religiosos, ora advertindo de perigos, ou tocando para finado, assim como fazendo vibrar jubilosamente os ares em dias de glória.

OS LIVROS IV, V E VI DE RECEITA E DESPESA DA IRMANDADE

Livro IV (1770-1792)

Este período nos dá uma informação um pouco maior, embora esteja longe do que deseja obter o pesquisador. Na Festa de Corpo de Deus a

Procissão era precedida até 1771 pelos trombeteiros e de 1777 em diante pelos timbaleiros. Fora de dúvida, os dois grupos, — metais e percussão, — eram constituídos por gente de côr. Em 1780-1781 fala-se dum pagamento aos “negros timbaleiros” e em outros lugares aos “prêtos timbaleiros”. Pode-se observar com mais precisão o período de 1775-1778 que nas festas principais empregava-se o cantochão. Podemos adir que esta tradição foi mantida sempre na Irmandade do Santíssimo Sacramento pela disponibilidade dos Capelães-Cantores e dos Meninos do Côro. Isto não exclui a presença de música homófona (côro e orquestra), porém resulta difícil a discriminação das despesas quando estas aparecem globalmente, representando a Festa de Natal e a Festa do Corpo de Deus. Não encontrando especificação sôbre o emprêgo das quantias assentadas, será sempre impossível conhecer-se o dispositivo instrumental. Em certas ocasiões, a participação de instrumentos fica por demais evidente, como se pode ver na quantia de 68\$240 paga ao *Padre José Rodrigues Lima* pela música para uma festa à qual assistiu o Bispo, em 1773-1774. Nesta ocasião, e em geral nas festividades maiores, encarregava-se a construção de um Corêto para a música, tarefa que aceitavam executar em algumas oportunidades os Mestres-Regentes de conjuntos de Minas Gerais, na primeira metade do século XVIII. Não sabemos qual seria o lugar da ereção, mas fica fora de dúvida que correspondia a um lugar perto do altar-mór, embora a Igreja tivesse Côro. Não há a menor informação sôbre a proliferação dos côros duplos, tríplexes e quádruplos empregados em Minas Gerais e a sua ubiqüação dentro da nave, se atuando em conjunto ou se distribuídos em diferentes lugares ou corêtos, um enigma impossível de esclarecer. Teria ficado a orquestra com um côro básico a quatro vozes mistas no Côro ou Tribuna e os outros em baixo?

Livros V (1792-1813) e VI (1814-1834)

Também êstes dois Livros não satisfazem para o esclarecimento das quantias gastas nos serviços de música. De 1795 em diante, até a inauguração do nôvo templo, não se mencionam os nomes dos regentes. A primeira festa que a Irmandade pôde organizar em 1811 no nôvo templo erecto de Nossa Senhora da Candelária, e para a festa se dispendeu, com a música para três dias, a quantia de 387\$000, também não menciona o mestre incumbido dela. A última referência do órgão se fêz em 1782, o que ainda não é indício suficiente para supor que funcionara deficientemente. A pobreza de informação com respeito à benção e inauguração da nova igreja se acrescenta uma aparente apatia ou indiferença absoluta à Coroação do Imperador, o Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa, o batizado dela e à Abertura da Soberana Assembléia, faustos nos quais sòmente se fala de iluminação, mas nunca de serviços completos de música.

Da data de inauguração em diante, com a participação dos regimentos voltou a tradição nas festas maiores da Irmandade. Cooperavam as Bandas do Regimento dos Henriques, do Regimento da Candelária, do primeiro

Regimento de Infantaria das Milícias e até a Marinha. A "Música dos Prêtos", entregue de 1818 em diante a *Antônio José Dutra*, tocava na porta da Igreja e à frente da procissão. Quando se cita no período de 1824-1825 juntamente a um tal *Jamúário Alvero* e um *Jamúário da Silva Arvellos*, devemos aceitar a hipótese de se tratar de um erro, porque no ano seguinte é mencionado o segundo deles, o que representa uma espécie de retificação. *Januário da Silva Arvellos* ainda vivia em 1869, dedicado ao ensino do piano na rua da Assembléia 128-B. Foi editor e lançava à circulação periódica dois Cadernos ou Publicações de Música, o *Conselheiro das Damas* e *Flôres da Pátria*. Também publicou uma *Canna Verde, canção popular portuguesa*. Fiz referência a este editor e musicista no meu Livro sobre a *Vida e Morte de Louis Moreau Gottschalk no Rio de Janeiro* (1869), (Ed. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 1954).

Vamos resumir em pequenos capítulos alguns aspectos que merecem menção especial.

Francisco Manoel da Silva

É interessante saber que esta grande figura do período da Regência e do Império foi desde muito jovem regente de um conjunto musical importante na Igreja de maior riqueza no Rio de Janeiro. Nasceu em 21 de fevereiro de 1795 e sendo mencionado pela primeira vez no período fiscal da Irmandade correspondente a 1824-1825, teria escassamente trinta anos de idade, mas como desde 1822-1823 em diante foi estipulada uma quantia global de 185\$000 pela música servida nas festas maiores, poderíamos acreditar que ele teria sido encarregado da regência já naquela data ou que houvesse atuado com anterioridade como músico, assumindo a direção em 1824-25. Com ele, as quantias vão subindo a 195\$000, 209\$000 e 300\$000, atingindo nos períodos de 1831-1832 e 1832-1833 a quantia de 388\$000, o que significa, com outras palavras, um substancial aumento de cantores e instrumentistas e, portanto, um belo serviço de música religiosa.

Desde 1821 até 1827 se fala nos assentos do Livro de Receita e Despesa de "Música instrumental", pretendendo com isto explicar, sem dúvida, a celebração das festividades com música homófona, para vozes e instrumentos, em contraste com a Missa com cantochão a capela ou com órgão. A terminologia é nova, mas nas festas maiores citadas nos livros que comentamos, sempre houve participação de instrumentista.

Do período de 1828-1829 em diante, Francisco Manoel da Silva é chamado *Director*, definição clássica substituída no Brasil mais tarde pela de Regente. Com toda evidência, este jovem músico foi profissional de prestígio desde jovem. Não acredito que o ilustre Padre José Maurício Nunes Garcia atuasse na Irmandade do Santíssimo Sacramento. Seria aventurado sustentar que não fôra admitido por motivos raciais, por ter sido a postura da Mesa da Irmandade em todos os tempos discriminatória enquanto aos Côros, grande e pequeno. Devemos lembrar que os Meninos destes Côros deviam ser limpos de sangue. Vamos supor melhor que a ausência

do grande compositor nos serviços de música da Candelária se devia às suas múltiplas ocupações, desde longo tempo estabelecidas em determinados templos e com diversas Irmandades da capital, fora da sua obrigação na Capela Imperial.

Os Organistas

O primeiro organista que se menciona, já sobre a data da sua morte, foi Ignacio Corrêa. Isto aconteceu em 1763-64. É fácil imaginar que ele deve ter servido no Côro Pequeno desde 1755, quando se deu início ao côro cantado. A omissão do seu nome foi o resultado da eliminação de todos os nomes nos assentos trimestrais. O segundo organista mencionado foi o Pantaleão Pereira (entre 1778 e 1788). Os nomes dos seguintes foram silenciados por negligência nos assentos dos gastos. A do Padre Antônio Mariano Felizardo é estritamente ocasional (1827-28).

Os Organeiros

Aparecem três consertadores de órgãos, o Padre João Rodrigues Batalha (1773-1780), Thomé José da Silva (1796-1834) e Cesário José da Silva, talvez filho ou irmão do Thomé (1826-27, 1834-35 e 1844-45).

Antes da transladação dos bens da Irmandade da *Igreja Velha* para a *Igreja Nova*, houve como mínimo um órgão grande e outro pequeno (1778-1779), pois bem podem ter existido anteriormente outros. Do instrumento pequeno não há mais notícias, fora esta única menção, quando foi afinado. O órgão reparado em 1778-1779 deve ter sido o mesmo que foi transportado para a Igreja nova e as sucessivas reparações assentadas nos Livros de Receita e Despesa devem ser atribuídas a este instrumento. Com outras palavras, devemos dizer que seria bastante novo quando da sua primeira reparação. Não ter achado os *Livros de Inventários* nos priva de conhecimentos pormenorizados sobre a compra de órgãos. Os *Livros de Termos* teriam proporcionado ainda mais informação pelos respectivos contratos estabelecidos com os construtores.

Vamos proceder a uma relação das reparações efetuadas que se repetem nos Livros periodicamente de forma idêntica à história deste instrumento que achamos através de tôdas as vilas e cidades do território brasileiro. Instrumento de luxo e de mecanismo complicado, exigia ingentes gastos de conservação no clima tropical da região fluminense.

Ano	Custo	Organeiro
1778-79	127\$023	Padre José Rodrigues Batalha
1779-80	3\$810	Padre José Rodrigues Batalha
1779-80	6\$790	sem menção do organeiro
1780-81	38\$400	sem menção do organeiro
		(com motivo da transladação à Igreja nova)
1785-86	25\$600	Thomé José da Silva
1796-97	100\$000	Thomé José da Silva
1808-09	38\$400	Cesário José da Silva

1810-11	102\$400
1826-27	12\$800
1834-35	370\$000
1843-44	16\$000

Thomé José da Silva
 Cesário José da Silva
 Cesário José da Silva
 Cesário José da Silva

Como estamos vendo, os três concertos maiores se realizaram em períodos mais ou menos equidistantes: 1796-97, 1810-11 e 1834-35.

Os Sinos

A primeira notícia que aparece sôbre a fundição de um sino nôvo corresponde ao período 1787-88. É atribuída a um Mestre francês, encarregado do feitio, sem menção a seu nome. Como se fala de uma renovação, trata-se, com tôda evidência, da refundição do velho sino com adição de metais para outro maior. Para se pesar o metal, êste foi levado a um trapiche, onde se dispunha de uma balança. Para ser içado, houve necessidade de reedificar a tôrre e o telheiro, o que acrescentou o custo do sino, de 260\$880 para um total de 384\$810. Não há dúvida que êste sino ainda foi pendurado na tôrre da velha Igreja, mas quando da mudança e a ereção das tôrres da igreja nova, deveria ter sido removido. Disto não achei constância nos livros. Não podemos imaginar que a Igreja nova tivesse já em 1787-88 ao menos uma tôrre pronta.

Um sino inteiramente nôvo foi fundido no período de 1812-1813, após a inauguração do templo. Não é mencionado o nome do sineiro. Desta vez, o custo foi de 2:140\$700. Há ainda uma menção não muito clara, correspondente ao lapso fiscal de 1818-1819. Diz o assento da despesa o seguinte: "Pella ferragem para paga o Sino dado por S. Magestade em troca de outra". A frase não é bem clara, porque se João VI deu um sino de obséquo, não teria havido necessidade de pagá-lo. Parece que houve uma troca de ferragem, com acréscimo de pêso a pagar, para a instalação e segurança do sino. Interessante é o tamanho, a grossura e o custo do pau de ipê comprado para sujeitar-se nêle a porca. O pêso do metal empregado para o sino se acha especificado nos dois casos.

Notas curiosas

Achamos uma referênciã pitoresca no período 1818-1819 que ilustra a situação de liberalidade no tráfego de humanos e de animais:

"Ao Alcaide da Policia pella intimação aos moradores vizinhos da Igreja para não empedirem o Adro, e frente da Igreja com Animais 6\$400"

No 4.º Livro de Receita e Despesa, correspondente ao ano 1777-1778, aparece:

"Uma medida de agoardente de Cana para lavar as Imagens" o que me faz lembrar o emprêgo de vinho branco português para lavar os canudos dos órgãos de Vila Rica, remédios daqueles tempos...

Um tal Rodrigo de Souza Lôbo alugava nesta época uma casa do Santíssimo Sacramento (1777). Seria êle parente ou descendente daquele famoso Licenciado Antônio de Souza Lôbo, mestre-regente de conjuntos musicais em Vila Rica na primeira metade do século XVIII e uma espécie de patriarca musical e religioso? Certamente, o sobrenome composto Souza Lôbo foi relativamente freqüente e um parentesco com a Grei dos Lôbos músicos em Vila Rica seria uma coincidência grande demais.

Conclusão

Os livros revistos deram colheita ingrata ao pesquisador, porque em longos períodos as despesas são reunidas globalmente sem mencionar os nomes dos regentes, cantores e instrumentistas. Houve também muita omissão, o que deveríamos chamar, em nosso caso, negligência. Os lapsos sem menção de músicos são realmente excessivos. Nos Livros de Receita e Despesa há um trecho de indiferença que corre de 1795 até 1813. No Livro do Côro Pequeno sômente na página final achamos o único nome de musicista: o do organista Ignacio Corrêa, e no Livro do Côro Grande e do Côro Pequeno, os períodos dos assentos globais exasperam a curiosidade insatisfeita de quem procura informação mais completa. Correm de 1790 a 1793, de 1798 a 1803, de 1804 a 1827, de 1829 a 1835 e de 1837 a 1844. Em mísera compensação encontram-se às vêzes menções sôbre pequenas despesas ou concertos do órgão, assentadas nas *Diversas Despesas*, mas êstes gastôs ocasionais foram sempre menores em relação com aquelas, regulares, ocasionadas pelo serviço de música nas festividades do ano.

A tudo isto devemos ainda adir a ausência dos livros básicos para obter resultados completos referentes aos séculos XVII e XVIII. Não os achamos na nossa persistente procura e pouca esperança fica quando se dá uma olhada no estado atual do Arquivo. Contudo, desejaria formular votos que apareçam mais adiante para poder ser completado o quadro aqui exposto.

RELAÇÃO DOS MÚSICOS MENCIONADOS NO TEXTO

Conservamos a ortografia das respectivas épocas. No caso de haver dois sobrenomes, êstes foram colocados sempre por ordem sucessiva, embora seja o primeiro dêles quase sempre o materno. Achamos que seja mais fácil uma discriminação dos sobrenomes empregando-se êste sistema.

O leitor compreenderá que esta lista deveria ser muito maior se nos respectivos Livros de Receita e Despesa houvessem sido mencionados sempre, em cada ano fiscal da Administração da Irmandade os cantores e instrumentistas contratados para as respectivas festividades.

Não foram incluídos os nomes dos Capelães-Cantores do *Côro Grande* e do *Côro Pequeno*, porque a sua relação haveria de escurecer a presença dos músicos profissionais independentes, cujos nomes são de grande importância para a história da música no Rio de Janeiro antigo, ainda não escrita.

Nomes

Anos de Atuação

Músicos-Regentes

Agostinho, Joaquim Jozé	1819-20.
Bartholomeu, Padre	1771-73; 1788-91; 1792-93 (I).
Bernardes de Almeida Soares, Joaquim	1794-95.
Campêlo, João Antonio	1784-85; 1787-88.
Faria Barroz, Jozé de	1820-21.
Faria, Padre João Jozé (Ribeiro) de .	1813-17; 1818-20 (II).
Figueiredo, João de	1779-80.
Gonçalves, Bonifacio	1786-87.
Oliveira, Jozé de	1791-94.
Rodríguez Lima, Padre Jozé	1773-74; 1778-80.
Silva, Francisco Manoel da	1824-37 (III).
Silva Gomes, Joaquim	1786-87.

Organistas

Antonio Mariano Felizardo, Padre ...	1827-28 (IV).
Correa, Ignacio	1763-64.
Pereira, Pantaleão	1778-79; 1782-88 (V).

Padres Cantores de Cantochoão

Antonio Francisco, Padre	1818-19.
Lima, Padre José Pedro (ensino sô- mente)	1843-45.

Regentes de Música Militar

Alvero, Januario (1.º Regimento de Milicias de Infantaria)	1825-26 (VI).
Silva Arvellos, Januario da (1.º Reg ^{to} id.)	1825-27.
Roza, João da (1.º Reg ^{to} id.)	1824-25.
Soares, Joaquim Antonio (Música de Cornetas)	1833-34.

(I) Pela falta de informação precisa não sabemos se o Padre Bartholomeu esteve ativo, uma vez ou outra, entre 1774 e 1787.

(II) Este regente é citado uma só vez como Ribeiro de Faria e nas outras apenas como Padre Faria, e também com omissão da sua condição eclesiástica. Deve ter sido sempre o mesmo.

(III) 6.º Livro de Receita e Despesa finaliza no ano de 1837. Tendo sido o nosso objetivo o período colonial, não seguimos à procura das atividades de Francisco Manoel no 7.º Livro. Embora seja mencionado por primeira vez no período de 1824-25, é bem possível que tenha iniciado as suas atividades de regentes dois anos antes (1822-23), pois é neste período que foi confiado pela quantia de 185\$000 todo o serviço de música ao que parece, a uma só pessoa, havendo, contudo, um antecedente com o Mestre José Faria Barros (1820-21).

(IV) Se Felizardo fôsse sobrenome, deveria aparecer depois de Ignacio Corrêa.

(V) Não há dúvida que Pantaleão Pereira ocupou todo o lapso de 1778-88.

(VI) Não foi indicado o nome do Mestre de Música da Banda do Regimento dos Henriques e o do Regimento da Candelária. A referência sobre a participação da Marinha também não menciona o nome do seu regente se realmente interveio com banda. Januario da Silva Arvellos foi mais tarde professor de piano e editor de música de salão. Vivia ainda em 1809.

Música dos Prêtos (Percussão)

(Atabaleiros, Timbaleiros)

Dutra, Jozé 1818-20; 1822-28; 1833-34 (VII).

Consertadores de Órgãos

Rodriguez Batalha, Padre João 1773-74; 1778-80.
 Silva, Cesario Jozé da 1826-27; 1834-35; 1844-45.
 Silva, Thomé José da 1796-97; 1808-09; 1810-11; 1833-34.

IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA IGREJA
 DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA

I

LIVRO 1.º DE RECEITA E DESPESA

Côro Pequeno

Livro muito afetado pela traça. Até 1755 não menciona pagamentos por música, não sendo os que fizeram aos Reverendos Capelães Cantores que eram sòmente três.

fls. 51 verso e 52 — 1755-1756

Pagamento aoz RR. Cappellaenz que sendo somente trez in..tr...hidoz no principio do estabelegim^{to} deste Coro no Anno de 1734 para o de 1735, como consta deste Livro a fs... se lhe aumentou maiz hum Capelhão no prezente anno por rezoluzão da prez^o Meza, attendendo as Sobraz e rendimento em que se acha o patrimonio deste Coro, e maiz circunzstanciaz ponderadas no termo da Rezoluzão que para isso se tomou como consta no L^o delles a fz... e.... continua este ditto Coro com quatro Cappellaenz.

1.º QUARTEL

Pello prim ^o quartel a trez R. R. Cappellaenz vençido em fim de N ^{bro} de 1755 a 20\$ r ^a	60\$000
Pello que no ditto quartel pagou de hum mez que nelle venceo o novo Cappellão o R. P. Gregorio dos Reys, e Mello, que cobrou no principio de 9 ^{bro} de 1756	8\$660

Segue a mais despeza q' the a prezente se não lançou a este Coro, e como he precizo e elle tem separada do Coro Grande a Conta do seu Patrimonio, e Rendimento Justo he participe da despeza a seguinte:

(VII) No periodo 1823-24 foi assentado o nome de José Duarte como regente da Música dos Prêtos, tratando-se, com tôda evidência, dum erro. Em data anterlor a 1820, quando José Dutra foi citado por primeira vez, nunca foi indicado o nome dos que dirigiam os conjuntos de atabaleiros, timbaleiros e trombeteiros, estes tocando na porta da Igreja e na procissão. Incluímos a Joaquim Soares com a sua Música de Cornetas na música militar, para simplificar a distribuição dos respectivos grupos musicais.

Pella quarta parte de 24\$ r ^s q' por quartel se pagão a quatro meninos do Coro	6\$000
Pella quarta parte de 7\$500 r ^s que por quartel general se pagão ao M ^e do latim que ensinou os dittoz meninoz	1\$875
Pella quarta parte de 20\$ r ^s por quartel do Organista	5\$000

2.º QUARTEL

Pello 2.º quartel aoz coatro Cappellaes vencido em fim de Fevereiro de 1756	80\$000
Pellos mesmoz do Coro na ditto	6\$000
Pello M ^e que ensina aos d ^{os} Meninoz	1\$875
Pella quarta parte de 20\$ r ^s por quartel de Organista	5\$000

3.º QUARTEL

Pello 3.º quartel aoz Quatro Cappellaens a 20\$ r ^s	80\$000
Pello que pagou ao Organista	5\$000
Pello que se pagou aos Meninoz do Coro	6\$000
Pello que se pagou ao M ^e dos dittoz nada porque falharão nestes	
Pello que se pagou ao M ^e dos dittoz nada porque falharão neste Quartel no Estudo	—\$—

4.º QUARTEL

Pello que se pagou a quatro Cappellaens a 20\$000	80\$000
Pella parte que se pagou ao Organista	5\$000
Pello que lhe toca do que se pagou aos meninoz do Coro	6\$000
Pella parte do que se pagou ao Mestre de dittoz Meninos	1\$457

fls. 56 verso — 1756-1757

Pelo q' emporta quartel pago aos coatro RR. Capelaens do d ^o Coro vencido em 30 de 9br ^o de 1756	80\$000
Pelo q' lhe pertence da quarta parte de 248 r ^s q' se pagão por Coartel aos Coatro meninos do Coro	6\$000
Pelo q' lhe pertence da quarta parte de 7\$600 q' se pagão por Coartel ao Mestre q' os ensina	10\$875
Pela quarta parte de 20\$000 r ^s q' por Coartel se paga ao Organista	5\$000
	<hr/>
	92\$875
Pelo q' na sobred ^a forma emporta o segundo quartel vencido em 30 de Fevereiro de 1757	92\$875
Pelo q' na sobred ^a forma emporta o treceyro Caortel vencido em 30 de Mayo de 1757	92\$875
Pelo q' na sobred ^a forma emporta o quarto Coartel vencido em 30 de Agosto de 1757	92\$875

fls. 61 — 1757-1758

Pello que importou o Coartel pago aos quatro R. R ^{dos} Capelães do dito coro vencido em 30 de 9bro de 1957	80\$000
Idem que lhe pertence, da quarta parte de 24\$000 r ^s , que se pagão por Coartel aos 4' Meninos do Coro	6\$000

Pello q ^o lhe pertence da quarta parte de 7\$500 r ^s , que se pagão por Caortel ao Mestre que os ensina	1\$875
Pella quarta parte de 20\$000 r ^s , que por coartel se paga ao organista	5\$000
	92\$875

fls. 66 — 1758-1759

Pello q' importou o primeiro quartel, q ^e pagou aos R ^{dos} Capelaens do ditto Coro, Meninos do mesmo, Mes ^{tre} q ^o os ensina, e Organista, vencido em 30 " de Ag ^{to} de 1758	92\$875
--	---------

Nota: Aqui se acha involucrado o ordenado do organista à quantia total.

fls. 69 verso — 1759-1760

Pello que emportou o prim ^{ro} quartel que se pagou aoz R ^{dos} P ^{es} Capellaens, e do que lhe toca aos meninos do Coro, Mestre q' os ensina e organista vencido em Nov ^{ro} de 1759	92\$875
---	---------

fls. ... — 1761-1762

P 1/4 de 114 r ^s das Congruas pagas aos Meninos do Coro the fim do d ^o mes	28\$500
P 1/4 de 100\$ r ^s pagos ao organista vencido the o dia	25\$000

Nota: Não houve assento de despesas para o período de 1760-61 pelo conflito entre a Irmandade e o Presidente, Vigário e Capelães do Côro comentado na Introdução a êste documentário.

fls. ... — 1762-1763

Aos meninos do Coro de hu 4. ^o de 12\$ r ^s	3\$000
Ao Organista de hum quarto de 7\$500 r ^s	1\$875

fls. 83 — 1763 p^a 1764

Ao Organista Ignacio Correa a quinta parte de 30\$000	7\$500
Aos Meninos do Choro a quarta p ^{te} de 52\$000 abatidas as falt ^s .	13\$000

fls. 87 — 1764 p^a o de 1765

Pagam ^{tos} aos R ^{dos} P ^{es} Capellães Meninos do Choro, e Organista. Aos Meninos do Coro a quarta parte de 59\$018 r ^s	14\$754
Ao Organista o defunto Ignacio Corr ^a a q ^a parte de 27:158 r ^s	6\$789

Nota: Não achei explicações que pudessem justificar a entrega de apenas uma quarta parte do ordenado anual, nos períodos de 1763-64 e 1764-65, aos Meninos do Côro e ao Organista. O de 1762-63 ainda poderia ter relação com a paralisação do Côro pelo conflito mencionado.

II

LIVRO DE RECEITA E DESPEZA DO CORO GRANDE E PEQUENO
DA FREGUEZIA DA CANDELAERIA (1779-1792)

Rio de Janeiro — Anno de 1779

Despeza feita pello Irmão Tizoureiro o Tenente Joaquim Giesteira Passos com o Coro Grande instituido por Manoel Pinto Duarte e Sua m^{er} etc. Coro piqueno instituido por Simão Francisco de Carv^o e sua m^{er} na Matris de N. Snr^a da Candellaria, Admenistrado p^r esta Irmandade do SS^{mo} Sacramento no anno de 1778 p^a o de 1779 e Sendo Provedor Antonio da Crus Ferreira. a S^{er}.

fls. 2 — 1778-1779

Pagam^{to} aos RR. Capelaes

Ao R. P ^o Prezidente Joaquim Jozé França	100\$000
Ao R. Vigr ^o do Coro Jerônimo Pereira	70\$000
Ao R. M ^o das Serimonias Jozé Pereira Maciel	60\$000
Ao R. Prioste Ignacio Barboza Galvão	60\$000
Ao R. Ignacio José de Olivr ^a	50\$000
Ao R. João Barboza	50\$000
Ao R. Agostinho da Costa	50\$000
Ao R. Antonio Teixeira	50\$000
Ao R. Manoel Luiz Franca	50\$000
Ao R. Bento Alz'	50\$000
Ao R. João Correa	50\$000
Ao R. Anastasio Ferr ^a	50\$000
Ao R. Francisco Pacheco	50\$000
Ao R. Francisco da Costa	50\$000
Ao R. Jozé Cardeira	50\$000
Ao R. Sancristão Mor Jozè Per ^a Maciel	16\$000
Aoz quatro meninos do Coro a 16\$000	64\$000
	<hr/>
	920\$000
Ao Organista Pantalião Per ^a	30\$000
P. 4 " Sobre pelizes que se derão aos Meninos do Coro	22\$150
Pello que emportou o Conserto do Organo e o estrado do d ^o , e afinar o Organo Piqueno	127\$023
P. 1 " Estante p ^a os Livros do Coro	32\$000

fls. 5 — 1779-1780

Despeza feita

4 Mininos do Coro	64\$000
Ao Organista	30\$000
Dito do Concerto do Orgão ao P ^o Jozé Roiz' Batalha	3\$810
Dito com as Cortinas do Orgão	6\$790
Dinhr ^o q' remeteu o José Per ^a de Souza Caldas de Lx ^a p ^a a compra dos livros da reforma do Coro	128\$000
Dito que se gastou nas ditas, e na Sacristia q' hera da Igreja, para nella se poderem celebrar os officios Divinos emquanto a nova se continua, armarios para os Clerigos, Corredores e outras coizas pertencentes ao Coro, como consta do Tezou- reiro das obras o Cap ^m Thomaz Frz' Novais	869\$410

Pello que entrega ao dito Tezoureiro das obras o Cap^m Thomaz Frz' Novais pella serventia que o Coro tem na sobredita obra, conforme o Termo da Rezoluçã da Meza de 20 de Novembro, que julhou pertencente ao Coro de toda a despeza 320\$000

fls. 7 — 1780-1781

P " 4 meninos do coro	64\$000
P " Concerto com o orgão, na mudança p ^a a Igreja nova	38\$400
Ao organista	30\$000
P " Idem com o almario p ^a os Livros do Coro	23\$580
P " Idem com 4 Sobrepelizes, p ^a os Meninos do Coro	27\$520

fls. 10 — 1781-1782

Aos " Quatro Meninos do Coro	64\$000
Ao Organista	30\$000
" De concerto do mesmo (orgão)	6\$400
Idem, de 12 Varas de Elefante fino, para 4 Sobrepelizes dos Meninos do Coro, a 680 r ^s	8\$220

fls. 13 verso — 1782-1783

Aos 4 Meninos do Coro	64\$000
Ao Organista Pantaleão Pereira	30\$000
Idem de hùm Livro para o Coro	4\$000
Idem de Concerto de hùm Missal p ^a a Sanchristia	4\$000
Idem de huma Estante nova 6:400, e retolar outra 640 tudo	7\$040

fls. 16 verso — 1783-1784

Quatro Meninos do Coro	64\$000
A Organista Pantalião Pereira	30\$000
Vistuario do preto, João, duas Cam ^{zas} de p ^o de C ^o , Vestia e Calção de panno azul, e Chapeo de Baêta	60\$240

fls. 19 verso — 1784-1785

Quatro Meninos do Coro	64\$000
A Organista Pantalião Per ^a	30\$000

fls. 23 — 1785-1786

Quatro Meninos do Coro	64\$000
Ao Organista Pantalião Pereira	30\$000
Idem do Orgão a Thome Joze da S ^a	25\$600
Huma Campainha p ^a a Missa da Terça	\$660
O imp ^{te} das sobrepelizes p ^a os Mossos do Coro	36\$220

fls. 26 — 1786-1787

Quatro Meninos do Coro	64\$000
Ao Organista Pantaleão Per ^a	30\$000

fls. 34 — 1787-1788

Quatro Meninos do Coro	64\$000
Ao Organista Pantaleão Ferreira [Pereira]	30\$000

Nota: Em todos êstes anos foi Vigário do Côro Jerônimo Pereira Pina.

fls. 37 verso — 1788-1789

Aos meninos do Coro	48\$000
Ao organista	22\$500
Idem dita [despeza] com os estatutos do Coro que mandou fazer I Irmão Escrivão	5\$120

fls. 41 verso — 1789-1790

A 4 Mossos do Coro	64\$000
Ao Organista	30\$000

fls. 42

Dinheiro dos Mossoz do Coro p ^a 4 Superpelozos [Sobrepelizes] ..	16\$000
---	---------

fls. 45 — 1790-1791

fls. 49 — 1791-1792

fls. 53 — 1792-1793

(nestes anos se assentou uma quantia global para os Capelães Cantores, incluindo-se nela também as despesas pelo organista e os Meninos do Côro)

fls. 57 — 1793-1794 (global)

Despezas do Altar

Idem que despendeo em Sobrepelizes para os mossos do Coro vendidas do anno de 1793, para o de 1794	16\$000
--	---------

fls. 61 — 1794-1795

Despeza do Altar

Idem de Tezistar hum Livro do Coro	\$320
--	-------

fls. 65 — 1795-1796

fls. 68 verso — 1796-1797 } (globais)

Dispezas do Altar

Item [Concerto] do Orgão, como se mostra do Recibo de Thomé José da Silva	100\$000
---	----------

fls. 72 verso — 1797-1798 (global)

Despezas com o Altar, e outras

Que despendeu na importancia de hum Sinno novo, p ^a tocar ao Coro, como do Recibo de Thomaz Soares do Couto, a q ^m se comprou	89\$670
---	---------

Idem... Ferrage, Carpinteiro, e Porca p^a o m^{mo} 13\$950
 Item de hum Livro p^a Servir de recibos do Coro 1\$440

fls. 78 verso — 1798-1799
 fls. 82 — 1799-1800
 fls. 84 verso — 1800-1801 } (globais)

Despezas miudas

Idem com o Livro dos Himnos 35\$680
 Idem de Copiar as antifonas 11\$200
 Idem do concerto da Sobrepelis para o Coro 4\$040

fls. 87 — 1801-1802
 fls. 92 — 1802-1803 } (globais)

Nota: Pagava-se por folha trimestral ao Rev^{do} Prioste do Coro. Em 1803 tinha subido a anuidade fixada aos Capelães Cantores a 1:056\$743.

Varias despesas

12 " V^a de Renda de Fr^{ca} de Tear para conserto das Sobrepelizes dos Meninos do Coro 200 2\$400
 1 ½ V^a de D^a de Hombr^a 880 1\$320
 ½ " Miada de S^{as} \$060
 2 " P^{as} de Bretanhas de França estr^{as} p^a 4 " Sobrepelizes 8\$000
 2 ½ V^a de Renda de Hombreira para as ditas 1\$600
 Dinhr^o ao Andador p^a Linhas \$480
 Item ao d^o p^a pagam^{to} do feito das quatro Sobrepelizes 5\$120

18\$980

fls. 96 — 1803-1804 (global)

Diferentes despesas

Que despendeo no Concerto de 3 Sobrepelises com a' andão os Meninos do Coro \$640

fls. 98 verso — 1804-1805
 fls. 101 — 1805-1806 } (globais)

Diferentes despesas

Idem ao m^{mo} para huma Campainha para o m^{mo} Coro 1\$340

fls. 104 — 1806-1807
 fls. 107 — 1807-1808
 fls. 110 — 1808-1809 } (globais)

Diferentes despesas

Idem q' pagou a Thomé José da S^a pelo Concerto do Orgão 38\$400

fls. 113 — 1809-1810
 fls. 116 — 1810-1811 } (globais)

Diferentes despesas

Item Concerto de hum Livro para o mesmo Coro	11\$320
Item a Thome Joze da Silva do Orgão	102\$400

fls. 118 — 1811-1812

Diferentes despesas

Importancia de 4 Sobrepelizes novas	19\$680
---	---------

fls. 121 — 1812-1813	}	(globais)
fls. 123 — 1813-1814		
fls. 126 verso — 1814-1815		
fls. 128 — 1815-1816		
fls. 131 — 1816-1817		
fls. 134 — 1817-1818		
fls. 136 — 1818-1819		
fls. 138 — 1819-1820		
fls. 140 — 1820-1821		
fls. 145 — 1821-1822		
fls. 147 — 1822-1823		
fls. 149 — 1823-1824		
fls. 152 — 1824-1825		
fls. 154 — 1825-1826		
fls. 157 — 1826-1827		

Diversas Despezas

Idem que pagou-se a Francisco Nicoláu Mandello de Conserto d'hum Missal do m ^{mo} Coro	4\$000
---	--------

fls. 157 verso

Importancia que se pagou a Cezario Joze da Silva, do Conserto do Orgão	12\$800
--	---------

fls. 161 — 1827-1828

Com os R. R. ^{os} Presidente, Capellaens e mais empregos do Coro O Organista R ^{do} Antonio Mariano Felizardo, hum anno, com augmento no segundo Semestre, na conformidade da Resolução da Meza	140\$000
---	----------

Aos Meninos do Coro, com augmento no ultimo quartel, na conformidade da Resolução da Meza	172\$000
---	----------

fls. 162

Diversas Despezas

Ao R ^{do} Prioste para os Sacerdotes da Capella Imperial que judarão as Vesperas e Matinas na Festa da Snr ^a da Candelaria	19\$120
--	---------

fls. 165 — 1828-1829

Com os R. R. ^{os} Presidente Empregados e Capellaens do Coro Aos Meninos do Coro, De hum anno	208\$000
--	----------

R ^{do} Organista Antonio Marianno Felizardo, Ordeno de 1 anno com o abatim ^{to} de 8\$000 no ultimo quartel pelas faltas q' teve	152\$000
--	----------

Ao que supriu as mesmas	8\$000
-------------------------------	--------

fls. 165 verso

Ao R^{do} Prioste para os Sacerdotes da Capella Imperial que ajudarão as Vesperas e Matinas na Festa de N. S. da Candelaria 20\$080

fls. 168 — 1829-1830	} (globais)
fls. 170 verso — 1830-1831	
fls. 173 verso — 1831-1832	
fls. 184 verso — 1832-1833	
fls. 188 verso — 1833-1834	
fls. 192 — 1834-1835	

Pelo que pagou a Cezario J^o da S^a importe do Conçerto do Orgão, e Aluguel de outro, como consta do reçoibo que passou no Livro respectivo a fs 48 v^o 370\$000

fls. 195 verso — 1835-1836	} (globais)
fls. 198 verso — 1836-1837	

Item a Muller e Haus por aluguer de hum Piãno como do Recibo que passou no L^o respectivo fs 54 " 12\$000

fls. 201 — 1837-1838	} (globais)
fls. 206 — 1838-1839	
fls. 209 — 1839-1840	
fls. 212 — 1840-1841	

Item importe de hum Theatro Ecclesiastico, pago a João Affonso Lima, como consta no seu recibo no Livro respectivo a folhas 64 14\$000

fls. 217 — 1841-1842 (global)

Item dito [Importancia paga] " E. & H. Laemmert, de dous Yogos de Cantochão, ou Theatro Ecclesiastico, como consta do seu recibo no Livro respectivo a fls. 63 v^o 28\$000

fls. 221 — 1842-1843	} (globais)
fls. 226 — 1843-1844	

Idem [Pago] ao P^o Joze Pedro de Lima, sua gratificação p^a ensino ao Cantochão, d^o fs 68 150\$000

Idem [Pago] a Cesario José da S^a p^r concerto nos foles do Orgão como do Recibo no d^o L^o ds 68 v^o 16\$000

fls. 230 — 1844-1845 (global)

Idem pago ao P^o J^o Pedro de Lima, sua gratificação por ensino de Canto chão a fs. 70 v^o 150\$000

LIVRO 4 DE RECEITA E DESPEZA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA

fls. 7 — 1770-1771

Despeza que teve a Irmandade do SS^{mo} Sacramento da Freg^a de N. S^{ra} da Candelaria no Anno de 1770 para o de 1771

Despeza com o Sagrado Laus pelene

P¹o q^e pagou da Muzica com 3 vozes 8\$960

Corpo de Deos

Muzica 25\$600

Trombetr^{os}, lenha, azeite, estopa e Provizão 7\$480

Nota: As Congruas dos Capelães eram de 300\$830 anuais.

fls. 17 — 1771-1772

Corpo de Deos

Muzica ao P^o Bartholomeu 36\$000

Trombeteiros, Lenha, azte estopa e provizão 6\$620

fls. 27 — 1772-1773

Despeza com o Sagrado Laus perene

De as.....to do Trono, e aos Meninos do Coro 6\$920

Corpo de Deos

Ao P^o Bartholomeu pela Muzica 36\$000

Trombeteiros, Lenha, Azeite, Estopa, e Provizão 5\$750

fls. 27 verso

Despezas com a Fabrica

Por hum Missal a Manoel Francisco Gom^s 2\$560

Por hua estanta p^a o Misal e de a pintar 5\$280

fls. 36 verso — 1773-1774

Pello que emportou o Taboado para os Estrados do Dossel do
Snr. Bispo, e Coreto da Muzica, Pregos, e Jornaez de Car-
pinteiro, e dos caijadores nos a...Laus toz [?] 15\$700

Dinhr^o ao R' P. Joze Rodriguez [Lima] pella Muzica de manhã,
e de tarde 68\$240

Dinhr^o ao P. Sancristão Mor, p^a elle, e Mininos q' azeitirão a
Missa da festa 2\$560

fls. 49 — 1774-1775

Com a festa de Corpus Christi

Muzica de Cantochão de manhã e proçião 22\$550

Aos Trombeteiros 2\$240

fls. 59 verso — 1775-1776

Com a Festa de Corpus Christi

Muzica de Cantuxão, e Orgão 14\$600

fls. 70 verso — 1776-1777

Com a festa de Corpus Christi

Muzica 16\$000

fls. 82 — 1777-1778

Com as festas de Natal, Semana S^{ta} e Corpus Christi

Muzica	18\$560
Timbaleiros	2\$560

fls. 96 — 1778-1779

Com a festa de Natal, Semana S^{ta} e Corpus Christi

Muzica na d ^a festa e na Porção de tarde ao P ^o Joze Roiz' Lima	40\$000
Trombeteiros	20\$560
A hum Carpinteiro de fazer o Coreto de Muzica e Madeira para o mesmo	1\$600

fls. 97 verso

Com a fabrica

Custo de hum badalo novo p ^a hum Sino	2\$480
--	--------

fls. 106 — 1779-1780

Com a festa do Natal e Corpo de Deos

Muzica da Missa da festa ao P ^o Jozé Roiz' [Lima?]	38\$000
Muzica de tarde na procissão a João de Gig ^{do} [Figueredo?] e seu trabalho	6\$400
Aos timbaleiros	2\$560

fls. 115 verso — 1780-1781

Com a Festa de Natal e Corpo de Deus

Ao P. Joze Rois Lima pella Muzica	38\$400
Ao R. Vigario pella Missa Cantada	6\$720
Aos Negros Timbaleiros	2\$560

fls. 126 — 1781-1782

Despezas com a festa do Natal, e Corpo de Deoz

A Muzica da festa de Corpo de Deoz	32\$000
Ao Rd ^o Vigario pela Missa Cantada no dia da feita	6\$720
Aos Timballeiros	1\$920

Com a Fabrica

Ao Organista de tocar o Orgam	— \$ —
-------------------------------------	--------

fls. 135 verso — 1782-1783

Despezas com as festas de Natal, e Corpo de Deos

A Muzica na festa do Corpo de Deos	39\$120
Ao R ^{do} Vigr ^o pela Missa Cantada	6\$720
Aos Timbaleiros	1\$600

fls. 144 — 1783-1784

Despesas com as festas de Natal e Corpo de Deos

A muzica para a festa do Corpo de Deos	27\$520
Ao R ^{do} Vigr ^o pela Missa cantada	6\$720
Aos Timbaleiros	2\$240

fls. 156 — 1784-1785

Com as Festas do Natal, & Corpo de D^a

Muzica, do Corpo de D ^a gr; a João Ant ^o Campêlo	40\$000
Ao R. Vigario, pella missa cantada	6\$720
Timbáles como do Recibo	3\$200

fls. 169 — 1785-1786

Com as festas do Natal, e Corpo de Deos

Muzica p ^a as Domingas	9\$600
D ^a no dia de Pascoa	6\$400
D ^a no dia de Corpo de Deus gr ^{de}	38\$400
Ao R. Vigario p ^{1a} Missa Cantada	6\$720
Aos Timbaleiros na d ^a festa	2\$560

fls. 178 — 1786-1787

Com as festas de Natal, Semana S^{ta}, e Corpo de Deos

A Joaquim da S ^a Gomes pela Muzica nas Domingas da Quaresma	9\$600
Ao d ^o pela de Domingo de Pascoa	10\$240
A Bonifacio Glz da de corpo de Deos	38\$400
Ao R ^{do} Vigario da Missa Cantada, em d ^o dia	6\$720
Aos Timbaleiros	3\$200

fls. 221 e 222 verso — 1787-1788

Despesas de Armaçoens nas festas do Natal, e Corpo de Deos, e outras, em d^a festas

Da Missa cantada na mesma festa	6\$720
Da Muzica nas D ^{as} da Quaresma a João Ant ^o Camp ^o	9\$600
Ao d ^o da Muzica em Dom ^o de Pascoa	10\$240
D ^{to} aos pretos Timbaleiros	4\$000

Despeza feita com o Sino q' se renovou

P " 9 " Arrobas de metal novo, pago ao M ^e Francêz 7360"	66\$240
De feito ao dito M ^e no todo de 60 " arr ^s q' tanto peza a 3200	192\$000
Concerto do badalo	1\$600
Carreto p ^a se pezar no Trapx ^o	1\$040

fls. 235 — 1788-1789

Armaçoens nas festas de Natal e Corpo de Deos, e outras despesas em ditas

De Missa Cantada na d ^a (Corpo de Deos)	6\$720
--	--------

fls. 235 verso

Ao P ^o Bartholomeu da Muzica nos Domingos da Quaresma	9\$600
Ao dito da Muzica de Quinta Feira S ^{ta} abatidas as Multas dos q ^e faltarão	20\$480
Ao dito da Muzica na Festa do Corpo de Deos com o d ^o abatimento	27\$520
Aos pretos Timbaleiros	3\$520

Despeza feita com o Sino novo

Pela empportancia da feria do M ^o Manoel Joze da Fonseca na reedificação da torre e Tilheiro, preparos do Sino novo da Irm ^d e, e sua sigurança	123\$930
---	----------

fls. 249 verso — 1789-1790

*Armassoens em dia de Natal, Semana Santa, Corpo de
Deos, e oitras desp^{as} em d^{as}*

Muzica ao P ^o Bartholomeu na Semana Santa	16\$000
Ao d ^o em Domingo de Pascoa	16\$000
Ao d ^o em dia de Corpo de Deos	40\$000
Missa no mesmo dia ao R ^{do} Vigario	6\$720
Aos pretos timbaleiros	3\$200

fls. 260 verso — 1790-1791

Armaçoens

Muzica ao P ^o Bartholomeu das Domingas de Quaresma e 5 ^a fr ^a S ^{ta}	21\$600
Idem a Joze de Oliv ^{ra} no Dom ^o de pascoa	16\$000
Idem o dito na festa do corpo de D ^s	41\$280
Missa no mesmo dia do R ^{do} Vigario	6\$720

fls. 274 — 1791-1792

Armaçoens

Muzica a Jozé de Oliveira de quinta feira Santa, e Domingo de Pascoa	25\$600
Dita ao mesmo da Festa do Corpo de Deos	36\$800
Aos Timbaleiros p ^a hirem adiante da Proçião	1\$920
Ao R ^{do} Vigario da Missa de Corpus	6\$720

fls. 275

Din ^o ao Ferr ^o Ignacio Joaq ^m Chaves de Concertar os braços do Sino Grande, e fechadura p ^a a porta da Torre, e aldabra da porta da Igreja	3\$280
---	--------

**LIVRO 5 DE RECEITA E DESPEZA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DA
IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA (1792-1813)**

fls. 6 verso

*Despeza que teve a Irmandade do SS^{mo} Sacramento da Freguezia de
N. Sr^a da Candelaria no anno de 1792 para o de 1793*

Armações e Despezas das Festas

A José de Oliveira da Muzica em Quinta fr ^a S ^{ta} e Domingo de Paschoa	25\$600
Ao dito da Festa do Corpo de Deos	36\$800
Ao P ^o Bartholomeu, das Muzicas nos D ^{os} de Quaresma	7\$680

Com a Fabrica

Aos Negros Timbaleiros na dita festa	3\$520
--	--------

fls. 15 verso — 1793 p^a 1794

Com as Festividades

A Joze d'Oliv ^{ra} da Muzica em 5 ^a feira S ^{ta} , e Dom ^o de Pascoa	25\$600
Ao dito da Festa do Corpo de Deos	40\$000
Ao dito das Domingas de Quaresma	7\$680
Aos Timbaleiros no dia do Corpo de Deos	3\$520

fls. 25 verso — 1794 p^a 1795

Com as Festividades

A Joaquim Bern ^{des} de Alm ^{da} Soares, da Muzica em 5 ^a feira Santa	29\$440
Ao dito da dita das Domingas de Quaresma	8\$000
Ao dito da dita da Festa do Corpo de Deos	40\$000
Aos Timbaleiros na dita festa	3\$520

fls. 37 — 1795-1796

Com as Festividades

Muzicas	77\$440
---------------	---------

fls. 37 verso

Aos Atableiros	8\$000
----------------------	--------

fls. 48 verso — 1796-1797

Com as Festividades

Muzicas	77\$440
Aos Timbaleiros	8\$000

fls. 62 verso — 1797-1798

Festividades

Muzicas	77\$440
Aos Timbaleiros	8\$000

fls. 77 verso — 1798-1799

Com as Festividades

Muzica do ditto dia (Corpo de Deos)	33\$600
Aos Timbaleiros	8\$000

fls. 86 — 1799-1800

Com as Festividades

Muzica de todo o Anno	59\$200
Timbaleiros	6\$400

fls. 94 — 1800-1801

Com as Festividades

Timbaleiros	6\$400
Muzica nas Dom ^{as} da Quar ^{ma} , Quinta fr ^a S ^{ta} , e Corpo de Deos ..	59\$200

fls. 103 verso — 1801-1802

Com as Festividades

Timbaleiros	6\$400
Muzica nas Domingas de Quaresma, Quinta feira Santa e Corpo de D ^s	66\$800

fls. 118 — 1802-1803

Com as Festividades

Timbaleiros	6\$400
Muzica nas Domingas de Quaresma, q ^{ta} fr ^a Santa, Corpo de Deos ..	59\$200

fls. 130 — 1803-1804

Festividades

A imp ^a do q ^o pagou aos Timbaleiros	6\$400
A imp ^a da Musica das Dom ^{as} de Quaresma, 5 ^a feira S ^{ta} , e Corpo Christe	59\$200

fls. 144 — 1804-1805

Festividades

A importancia da Muzica das Domingas de Quaresma, 5 ^a feira Santa, e Corpos Christe	59\$200
A importancia do q' pagou aos Timbaleiros	6\$400

fls. 159 verso — 1805-1806

Festividades

A importancia da Muzica de 5 ^a fr ^a S ^{ta} e Corpo de Deos	51\$200
A importancia do q' pagou aos Timbal ^{os}	6\$400

fls. 174 — 1806-1807

Festevidades

A ditto do que pagou aos Timbaleiros	6\$400
A ditto da Muzica de 5ª frª S ^{ta} e Corpo de Deos	51\$200

fls. 189 — 1807-1808

Festevidades

Idem aos Tembaleiros na mesma [Festa do Corpo de Deos]	6\$400
Idem da muzica de quarta feira S ^{ta} e Corpo de Deos	51\$200

fls. 200 verso — 1808-1809

Despezas miudas

Muzica que acompanhou a dita [Procissão de Corpus]	24\$000
--	---------

fls. 201

Festevidades

Muzica de 4ª frª Santa, e Corpus	51\$200
--	---------

fls. 214 — 1809-1810

Despezas miudas

A Muzica que acompanhou a Purificação do Corpo de D ^s	16\$000
Aos Timbaleiros para as 2 Purcições	16\$000

Festevidades

Muzica de 5ª frª Santa e Corpus Christe	51\$200
---	---------

fls. 232 e 232 verso — 1810-1811

Festevidades

Muzica de 3 dias	387\$200
Aos Capelães da Capela Real	32\$000
Aos d ^{os} do Coro q' assistirão ás Matinas	35\$040
Ao M ^o da Muzica dos Henriq ^s	39\$200
Ao M ^o da Muzica do Regimento da Candelaria para repartir pelos Muzicos	64\$000

fls. 247 — 1811-1812

Festevidades

Import ^a da Muzica das Domingas de Quaresma, 5ª fr. S ^{ta} e Corpus Christe	64\$000
Ao M ^o da Muzica dos Henriq ^s	9\$600

fls. 256 verso — 1812-1813

Com o nôvo Sino

Pezo do d ^o 4426 lb ^a de bronze a João Bapt ^a Jardn ^{co} a 360	1.592\$640
Custo dos Mancaes	61\$640
Idem da bola de Chumbo e Carr ^{to}	14\$800

Idem da Porca e Ferrage cōmo da Conta do M ^o Florencio	411\$140
Aos Homens que abotarão na torre	40\$480

Festividades

Muzicas	64\$000
Idem do Regim ^{to} q ^o acompanhou a Procissão de Corpus Christi	25\$600
Idem dos Timbaleyros, e da Marinha	16\$800

fls. 266 — 1813-1814

Festividades

Pagou-se ao R ^{do} João Jozé de Faria pela muzica de Quinta feira Santa	24\$000
Idem ao mesmo pela muzica da Festa, e procissão de Corpus Christe	40\$000
Idem a Muzica do Regimento que acompanhou a procissão de Corpus	24\$000
Idem aos Pretos Timbaleiros	12\$800

LIVRO 6 DE RECEITA E DESPEZA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA (1814-1834)

fls. 10 verso — 1814-1815

Festividades

Idem [pagou] ao R ^{do} João Joze de Faria pela Muzica dos Domingos de quaresma e Quinta feira Sancta	44\$000
---	---------

fls. 11

Idem de gratificação á muzica da guarda que acompanhou a dicta procição	19\$200
Idem ao R ^{do} João Joze de Faria, muzica da Igreja no dia de Corpus Christe	40\$000
Idem aos Pretos Timbaleiros	12\$800

fls. 21 verso — 1815-1816

Festividades

Pagou aos Timbaleiros p' acompanharem as Procições da Recurreição e Corpus Christe	19\$200
Idem a Muzica do 1. ^o Regim ^{to} de Melicias p' acompanhar a Procissão]	20\$000
Idem ao P ^o João Jozé de Faria p ^a Muzica das Domingas da Quaresma, Festa de Recurreição, e acompanhamento dos P ^{es} da Capella Real	53\$600
Idem ao D ^o pella Muzica da Festa do Corpus Christe	—\$—
Idem ao P ^o Joze Ribeiro de Faria pella Missa Cantada	8\$000

fls. 35 — 1816-1817

Festividades

Idem ao P ^o João Jozé de Faria pelas diferentes muzicas que fes nas Festividades da Irmandade	103\$600
--	----------

fls. 35 verso

Idem a Guarda que acompanhou a Procissão de Corpos Christe 20\$800

fls. 48 — 1817-1818

Várias despesas

Pela Muzica para as Domingas [da Quaresma]	20\$000
Pela dicta (Muzica) para quinta feira mayor	24\$000
Por Gratificação á guarda que acompanhou a Procissão de Cor- pus Christi	25\$600
Idem idem á d ^o no acompanhamento da Procissão	50\$000

fls. 62 verso — 1818-1819

Varias Despezas

Ao Alcalde da Policia pella intimação aos moradores vez ^{os} da Igreja p ^a não impedirem o Adro, e frente da Igreja, com Animais	6\$400
A Jozé Dutra pella Muzica dos Pretos	19\$840

fls. 63

A Muzica do Regim ^{to} da Candellaria por acompanhar a Procição do Corpo de Deos	25\$600
Ao P ^e Ant ^o Fran ^{co} pella Muzica de Cantochão p ^a a festividade de 5 ^a fr ^a S ^{ta} e Corpo de Deos	58\$400
Idem ao P ^e Joze Ribeiro de Faria pella festa de Corpo de Deos	8\$000

Despeza com o Sino

Pella ferragem para paga do Sino dado por S. Mag ^{de} em troca de outra	315\$720
Idem 1 paú de Hipê de 63 palmos de cumprido e 21 de groço, p ^a a porca	103\$200
Idem mais que se despeneo em ferraje q' se mandou apromptar para o dito Sino	141\$300
	<hr/>
	590\$940

fls. 80 — 1819-1820

Varias despesas

Idem a Muzica do Rígimento da Candelaria de acompanhar as prociçoens da Ressureição e Corpo de Deos	51\$200
Idem a Joaq ^m Jozé Agostinho da Muzica em dia de Corpo de Deos	72\$000

fls. 80 verso

Pelo que paguei a Joze Duarte pela Muzica dos timbr ^{os}	23\$200
Idem a Jozé Ribeiro de Faria da Missa e Muzica em 5 ^a fr ^a maior	17\$600

fls. 96 — 1820-1821

Varias despezas

Concerto do Badálo do Sino	10\$000
Pela Musica das Domingas, e 5ª feira Santa, e Domgº da Ressurreição paga a Jozé de Faria Barroz	95\$600

fls. 96 verso

Pela Muzica pª a Festa de Corpo Christes, paga a Jozé de Faria Barroz	72\$000
Aos Timbaleiros pela Muzica da Ressurreição, e Corpus Christo	12\$800

fls. 112 verso — 1821-1822

Festas

Muzica instrumental nas 5 Domingas, 5ª feira Santa e Domingo da Ressurreição	85\$600
Timbaleiros item	6\$400
Muzica instrumental de Corpus Christi	100\$000
Muzica do Regimento, que acompanhou a Procissão	18\$000
Timbaleiros na mesma	12\$800
Muzica Instrumental (pela Aclamação do Imperador Constitucional)	102\$400

fls. 126 — 1822-1823

Festas

Muzica instrumental das 5 Domingas da Quaresma 5ª feira Santa Domingo da Ressurreição e Corpo de Deos	185\$000
Muzica do Regimento q' acompanhou a Procição da Ressurreição	18\$200
Timbaleiro Joze Dutra pela muzica do mº dia e Festa do Sº	19\$200

fls. 126 verso

Aos Pªs que cantarão missa e aos que acompanharão a Procição da Ressurreição	11\$200
--	---------

fls. 142 — 1823-1824

Festas

Muzica, Estromental nas 5 Domingas da Quaresma 5ª frª Santa, Domº da Ressurreição, e Corpo de Deos	185\$600
Muzica do Regimº que acompanharão as duas Porcicoens da Caza	38\$000
Timbaleiros para a Festa, Porcição, a Joze Duarte [Dutra]	19\$200

fls. 143

Emcadenação nova em hum Missal	5\$760
--------------------------------------	--------

fls. 160 — 1824-1825

Pelo que pagou a Francisco Manoel da Silva, impº das Muzicas nas 5 Domingas da Quaresma 5ª frª Santa, Domingo de Pascoa, e Corpo de Deos	185\$600
--	----------

Idem, idem, a João da Roza pela Muzica do 1.º Regimento de Milicias q' acompanhou as duas Procicoens da Ressurreição, e Corpo de Deos 40\$000

fls. 160 verso

Pelo que pagou a Joze Dutra pela Muzica de Timbaleiros em Domingo da Ressurreição e Corpo de Deos 19\$200

fls. 178 — 1825-1826

Festas

Pelo que pagou a Francisco Manoel da Silva, importe da Muzica nos 5 Domingos da Quaresma, Quinta feira Santa, Domingo da Ressurreição, e Corpo de Deos da Freguezia /Documento N.º 12/ 195\$000

Idem idem a Januario Alvero, e Januario da Silva Arvellos, para gratificação á Muzica do 1.º Regim^{to} de Infantaria de Milicias, por acompanhar a Procissão da Ressurreição, e do Corpo de Deos /Docum^{tos} N.º 5 " e 14/ 40\$000

Idem idem a José Dutra importe de Muzica de Timbaleiros Domingo da Ressurreição, e de Corpo de Deos /Docum^{tos} N.º 7 " e 17/ 19\$200

fls. 197 — 1826-1827

Festas

Pelo que pagou a Francisco Manoel da Silva, importe da Muzica nos 5 " Domingos de Quaresma, Quinta feira Santa, Domingo da Ressurreição, e Corpo de Deos, Documentos N.ºs 3 e 9 " 209\$600

Idem idem a Januario da Silva Arvellos p^a gratificação á Muzica do 1.º Regimento de Milicias, por acompanhar a Procissão da Ressurreição, e Corpo de Deos, Documentos N.ºs 4 e 10 80\$000

Idem idem a Joze Dutra, importe de Muzica de Timbaleiros, Domingo da Ressurreição, e de Corpo de Deos /Documentos N.ºs 6 e 13/ 19\$200

fls. 215 — 1827-1828

Festas

Pagam^{to} a Francisco Manoel da Silva pela Musica nas 5 Domingas de Quaresma, Quinta-feira Maior, Domingo da Ressurreição e Corpus Christe /Docum^{tos} N.º 2, e 5/ 209\$600

Idem á Muzica do B^m N.º 24 p^r acompanhar a Procissão da Ressurreição, G^{da} da Semana S^{ta}, e Corpo de Deos (N.º " 4) 110\$000

Idem a Joze Dutra, da Muzica da Porta da Igreja (N.º) " 7 ... 19\$200

fls. 228 — 1828-1829

Festas

Ao Director Francisco Manoel da Silva, pela Muzica das 5 Domingas de Quaresma, Quinta feira Maior, Domingo da Ressurreição, Festa de Corpo de Deos, e Te-Deum ao recolher da Procissão 300\$000

A' Muzica Militar, que acompanhou a mesma Procissão, e gratificação a Guarda de Policia em 5ª feira Santa	60\$000
Gratificação á Guarda do Batalhão de Granadeiros, que acompanhou a Procissão de Corpus	40\$000
Muzica da Porta da Igreja, e p' acompanhar as duas Procissoens	19\$200

fls. 240 verso — 1829-1830

Festas

Ao Director Francisco Manoel da Silva pela Muzica das 5 " Domingas da Quaresma, Quinta feira maior, Domingo da Ressurreição e Festa de Corpo de Deos	270\$000
A Muzica Militar q' acompanhou a Procissão de Corpo de Deos	60\$000
A Musica Militar que acompanhou a Procissão da Ressurreição	60:000
A Muzica da porta da Igreja, de acompanhar as duas Procissoens	19\$200

fls. 254 — 1830-1831

Festas

Ao Director Francisco Manoel da Silva pela Muzica das cinco Domingas da Quaresma, Quinta Feira Maior, Domingo da Ressurreição, e Festa do Santissimo	288\$000
A Muzica Militar que acompanhou a Procissão da Ressurreição	60\$000
A Muzica da porta da Igreja, e de acompanhar a Procissão da Ressurreição, e Festa do Santissimo	18\$000

fls. 267 — 1831-1832

Festas da Caza

Pago Ao Director Francisco Manoel da Silva pela Muzica das Domingas da Quaresma, Festa da Ressurreição, e de Corpo De Deos	388\$000
Idem A Muzica Militar para as Procissões da Ressurreição, e Corpo de Deos	100\$000
Idem A Muzica da porta da Igreja e de acompanhar as Procissões	19\$200

fls. 284 — 1832-1833

Festas da Caza

Idem [Pago] ao Director Francisco Manoel da S ^a pela Música dos Domingos da Quaresma, Festa da Ressurreição, e Corpo de Deos	388\$000
Idem á Musica Militar para as Procissões da Ressurreição, e po de Deos	60\$000
Idem á Musica da Porta da Igreja, e de acompanhar as Procissões	19\$200

fls. 307 verso — 1833-1834

Festas da Caza

Idem [Pago] a Francisco Manoel da Silva pela Musica dos Domingos da Quaresma, Festa da Ressurreição, e Corpo de Deos	388\$000
Pago a Joaquim Antonio Soares pela Muzica de Cornetas que acompanhou as Procissões da Ressurreição e Corpo de Deos	60\$000
Idem a Antonio José Dutra pela Muzica da Igreja, e de acompanhar a Procissão	19\$200